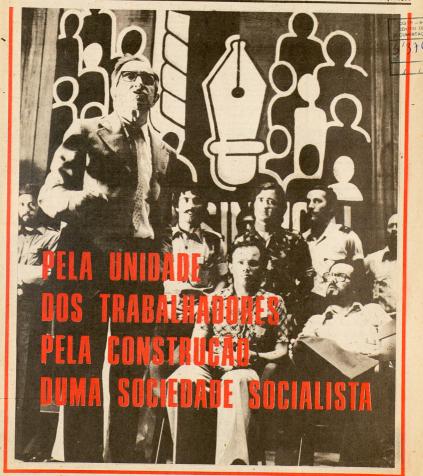


Quarta-feira, 30 de Julho de 1975 33

UNIDADE NA ACÇÃO - A FORÇA DOS TRABALHADORES

Preço 3\$50



lavanca

SEMANARIO DA INTERSINDICAL

N.º 33

30 de Julho de 1975

DIRECTOR INTERING

24 páginas Preco evulso, 3850

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Duque de Louié, 83 - 3.º Telefe, 5 99 93/4 57 12 — LISBOA-

DELEGAÇÃO NO NORTE

UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO
Rua de Santa Catarina, 922-1.4
Telefo. 380752/59 PORTO

Distribuição para postos de venda ao público:

Dietribuldora -O SECULO-

COMPOSIÇÃO E IMPRESS

Empresa do Jornal do Comércio

alavanca

RADIO

A VOZ DA INTERSINDICAL TODOS
OS DIAS DAS ZERO
A UMA DA MADRUGADA ATRAVÉS DAS ONDAS
MÉDIAS DO RÁDIO
CLUBE PORTUGUÉS
(A EMISSORA DA
LIBERDADE)

UM PROGRAMA
DOS
TRABALHADORES
PARA TODOS
OS
TRABALHADORES

A JUVENTUDE TRABALHADORA E O CONGRESSO DOS SINDICATOS

O CONGRESSO considerou como tarefas fundamentais das Comissões de Juventude nos Sindicatos as seguintes:

 Estudo e resolução dos problemas específicos da juventude;

 Promover a sindicalização e esclarecimento da juventude;

 — Apolo às iniciativas de carácter desportivo/culturaj dos Sindicatos;

 Promoção cultural e profissional dos jovens trabalhadores;

 Promoção do trabalho voluntário de carácter social;
 Aproveitamento dos tem-

pos livres: férias, desporto, cultura, convívio e outros;

— Promover o intercâmbio entre a juventude portuguesa

e a juventude de todo o mundo;

— Formação de militantes sindicais jovens, dedicados ao processo revoluciónátio, pela elevação da consciência de classe da juventude, pela solidariécade internacional entre os jovens trabalhadores de todo o mundo, pelo progresso

social e pela Paz entre os povos;

Defesa até às últimas consequências do processo revolucionário português e das conquistas já alcançadas pelo nosso poyo.

conclusões de Encontro Naconclusões de Encontro Nacional dos Trabelhadores-Estudantes, realizada em 2 ce
23 de Fevereiro deste ano organização conjunta da Intersindical e do M.J.T. — e do rebalho deservolvido postriormente pelo Departamento Este trabalho, sinda baltuciante, permitu todavia contactar algune sindicatos, onde se formaram núcleos de jovens que em várias reulos de debateram os seus problemas, tendo sido agresentateses, donde se extrairan
tinhas de orientación e acido para a participação da juventude na vida sindical.

As perspectivas revolucionárias a caminho do socialismo exigem não só al participação dos trabalhadores nos sinícios, como alinda uma cada ezmaior participação da juventude, que permitirá formar os homens e mulheres capazes de dar continuidade à Revotução Portuguesa. A juventuda trabalhadora terá de, cada vez mais, estar mobilizada para os grandes objectivos nacionais que se pôsem aos trabalhadores. No entanto, existem aspectos específicos seus, que só uma ampla participação na vida sindical poderá resol-

ver.

Para que esta participação se verifique é necessán desde já fazer apelos à sindicaEzação da juventudo. Será também necessán ogarantir o direitos sindicais aos jovens trabalhadores, nomeademente a possobilidade da se pridicaque comeaçam a trabalhar, fincando-hes apenas vedado o aoto de elegar ou ser eletio com menos de 18 anos.

A participação unitária da nos.

A participação unitária da juventude nos sindicatos terá como objectivos não só o reforço da organização sindicat, como alinda permitirá a resolução de alguns dos seus problemas específicos.

EM FRENTE, POIS, PELA SINDICALIZAÇÃO DOS JO-VENS TRABALHADORESI

EM FRENTE PELA ORGA-NIZAÇÃO DA JUVENTUDE NOS SINDICATOS!



CONGRESSO DIA A DIA

Os dias 25, 26 e 27 de Julho pertencem já à história sindical do nosso país.

Foram centenas de trabalhadores que estamparam bem alto no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian o seu Iema: Pela unidade dos trabalhadores e Aliança Povo com o M.F.A.

Pelas Liberdades; Pela Democracia; Pela Paz.
Pelas transformações económi-

cas e sociais.

Pela construção de uma sociedade socialista.

Pela primeira vez os trabalhadores cruzaram os portões da Fundação para (á montar o seu «quartel-general», ou o princípio de um caminho melhor estruturado ao serviço da construção do socialismo em Portigal.

O I Congresso dos Sindicatos foi obra dos trabalhadores, e pasará à história como uma verdadeira página de consagração de todas as lutas contra a desenfreada exploração capitalista. Do punho cerrado de centenas de trabalhadores nasceu a certeza da vitória.

vitória.

Acabará a exploração do homem pelo homem!

Lá ao cimo duas bandeiras, nas vozes dois hinos, nos corações o sangue novo da revolução em mar-

cha. Unidadel
A mesa do Congresso tomaram
lugar o major Costa Martins, mi-

viada por este Congresso aos «trabalhadores fardados» reunidos, na altura, no Centro de Sociologia Militar:

ob tribalhadoras organizados, raunidos no primeiro Congresso dos seus sindicatos, após o Gilo-toso Movimento das Forças Armadas ter esmagado o Estado Corporativo fasistra que oprimiu o povo português duciances farádicos consideras de la composição de la composição de continuados estados constituçãos, firme e decisiva, da ambietopada sociedade Socialista de militados de sociedade Socialista em Portugado para film de axploração do homem pelo homem e na lobar hope do do por se primeiros de constituçãos para film de axploração do homem pelo homem e na lobar hope do do portas oprimeiros de constituçãos do toda do povas oprimeiros de constituçãos do constitução do constituçã

E. num momento em que a reac-

e dos Lanificios de Leiria, tendo os restantes trabalhadores aclamado entusiasticamente, de pé, o texto da Moção.»

Manuel Lopes, membro do Secretariado da Intersincilaci, foi o primeiro congressista a usar da palacida. Esta de la companidado de palacidado de so operários e r a ba hadores portugueses, aos trabalhadores de todo o Mundo nas suas organizações representativas e, na pessoa do major Costa Martina, ao Presidente da República, ao Conselho da Revoluçãoto e todos os solidados e martinotos e oficiais, apontou o Congresso como a «ceptical enfecial que es defina na prática como movimento unitário de masses trabelhadoras portuguesas contra a exploração capitalista-,

«Como se constról, como se mantém e fortalece a unidade de ao socialismo e à sociedade sem

O titular de pasta do Ministrio do Trabalho estevo présente na abertura, em representação do Srneido Regolútica e do Conselho Superior da Revolução, Após uma curta saudação, o major Costa Martins situou a dinámica da vida sindical nos diferentes objectivos de destruição da sociedade capitalista e construção da nova expansiante a construção da nova problema do desemprego, tendo, alda, feito um soelo para que se de contiruidade so «Dia de salário para a Nação».

Sinal verde dado ao Congresso prosseguiu, rejeitando, logo de infcio, por maioria, uma proposta no sentido de adiamento deste Congresso para o mês de Outubro.

Posto isto, entrou-se no segundo ponto de ordem de trabalhos

— Discussão e Aprovação dos Estatutos — tendo sido aprovada

PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES

RUMO

A SOCIEDADE SOCIALISTA

nistro do Trabalho, e todos os montros do Secretariado da Inmenindoal. Noventa por cento dos trabalhadores porrugueses estiveram representados pelos dirigentos de Aveiro. Brega, Beja, Castola Honos Combra, Evora, Faro, Lairia, Lisboa, Madeira, Santaefm, Settola Honos, Combra, Evora, Faro, Lairia, Lisboa, Madeira, Santaefm, Settola Honos de Cassal Carrama centenas de trabalhadores que durante três dias afirmaram imperior de cuasa de um Portugal novo e a sua firme disposição de control de composição de compos

A luta é vasta, e a frente de batalha precisa de todos os verdadeiros revolucionários. A Allança do Povo com as Forças Armadas e uma realidade que tem de ser defendida a todo o custo do veneno que as forças reaccionárias lhe tentam inocular. É este esciloárias lido da saudeação aclamada e enção se coliga descaradamente para dividir o Governo, não deixaram os trabalhadores de apoiar o camarada Vasco Gonçalves, conforme moção que passamos a transcrever:

"Sindicatos, Uniões e Federacões, Comissões Sindicais e di Tra ba Indadores presentes no III Congresso dos Sindicatos reliram incondicional apoio ao M.F.A. Conselho da Revolução, Generais Costa Gomes, Vasco Gonçalvos e Otelo Saraiva de Carvalho. Manifestam total confiança ao

Manifestam total confiança ao companheiro Vasco Gonçalves para a formação de um Governo que interprete correctamente o nosso processo revolucionário e esteja efectivamente ao serviço da Classe Trabalhadora:

VIVA M.F.A. VIVA ALIANÇA REVOLUCIONA-RIA POVO/M.F.A. VIVA PORTUGAL

Votaram contra os representantes dos Sindicatos dos Ourives do Sul e Chapeleiros do Norte, e abstiveram-se os representantes dos CTT, das Bordadeiras da Madeira



iodos os explorados no selo do movimente indical? — interrogase Maruel Lopes —. Com a noses uta já conquistenso uma condição da máxima importância — a unicidade da organização sindical. (...) Sem unicidade disciplinação sindical. (...) Sem unicidade disciplinação sindical. (...) Sem unicidade disciplinação expenso a unicidade potêm, eá com unicidade também não se alcança a unidade provincia de conserva de conse

Méputal de provincia de la companie de la companie

por maioria uma proposta sobre quotizações dos sindicatos, que passaram a ser de 6%. "Mais do que uma questão financeira — escreve-se na proposta — é uma questão viatal para o avanço e organização do movimento sindical portuquês."

Já no segundo dia de trabilhos aprovados se Estatutos, coube a Antero Martins fazer o balanco das actividades da Intersindical. Aquela elemento do Secretariado, Aquela elemento do Secretariados, e faz o ponto das actividades en que ela se desdobrou até ao mento, em que congrega todos os esforços para sair deste Compara de la comparación del comparación de la comparación de la comparación de la comparación del comparación de la comparación de la comparación de la comparación del comparación de la comparación del comparaci

O resto do dia foi passado na discussão na generalidade e especialidade do «documento de orientação e acção para um Portugal Novo».

onentação e acção para un Portugal Novo».

O documento viria a ser aprovado no último día do Congresso pela grande maioria dos Sindicatos presente no Congresso.

Dos últimos pontos da ordem de trabalhos constava a eleição do novo secretariado da Intersindical, que se lez a partir de uma lista única, por voto secreto, com os seguintes resultados: votos a favor — 1346 (84,9%); votos núlos — 173 (12,0%; abstenções — 44 (3%).

O Congresso viria a ser encerrado da maneira mais significativa,
com a presença do Primeiro-Ministro, general Vesco Gonçalve,
que, acompanhado por vários membros do C. S. R., demonstrou todo
o seu apolo ao vertido de la companio de companio

A APROVAÇÃO DA UNIDADE SINDICAL:

O PRIMEIRO GOLPE NO CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO

AFIRMOU O CAMARADA GENERAL VASCO GONCALVES NO CONGRESSO DOS SINDICATOS

«FORÇA FORÇA CAMARADA VASCO NOS SEREMOS A MURALHA

FORÇA FORÇA CAMARADA VASCO NOS SEREMOS A MURALHA DE AÇOI» Assim foi saudado o compenheiro general Vasco Gonçalves ao dar entrade no suditório principal da Fundação Guidentian, no final assasão de encerramento do 1º. Congresso Nacional dos Bindicatos, respectados de compenheiros de Comesta de

Por fim, com a simplicidade e sinceridade a que o Povo Português jé se habituou, Vasco Gonçaives dirigiu-se aos presentes durante 1 hors e dez minutos. Dade a sua importância transcrevemos, seguidamente, na integra, as palavras daquele nosso companheiro de luta:

*Desejo saudar-vos a todos e não posso deixar de focar aqui a diferença - bem sei que passaram muitos anos... - mas a diferença formidável que há entre este congresso de unidade e a consciência daquilo que é preciso fazer em Portugal (como te nho observado por aquilo que tenho lido acerca do que aqui tem sido dito e pelas últimas palavras que proferiu aqui o camarada Ma-nuel Lopes); não posso deixar de salientar quão diferentes são os tempos de hoje em relação àque-les em que foi celebrado, na Covilhā, um congresso operário português, em que passaram dois ou três dias a discutir se haviam de estar ao lado ou contra a União Soviética: o que é que representava a Revolução Russa; e sem mergulharem profundamente nos problemas e nas questões da sua pró-

A importância da consciência de classe

Prosseguindo, disse Vasco Gon

«Isto demonstra que vós amadureceis, dia a dia, a vossa cons-ciência de classe. E é muito importante que tenhais consciência de classe, porque o fortalecimento da consciência de classe dos trabalhadores portugueses é o fortalecimento do patriotismo portu-

E porque é que o fortalecimento da consciência de classe dos trabalhadores não é divisionista, mas é unitário na nossa Pátria, neste momento?

É porque os interesses do futuro de Portugal estão intimamente ligados àquilo que vós fizerdes no concreto.

Ao contrário do que propalam os detractores da classe operária, este Congresso demonstra a nossa unidade, democraticamente assumida. A unidade sindical é fundamental para nós. É a pedra de toque. O primeiro golpe que nós

demos no capitalismo monopolista de Estado foi precisamente a aprovação da unidade sindical.

O momento que estamos atra vessando é muito grave. Todas as revoluções atravessam momentos

processo, quer no seio das For-cas Armadas quer fora do Movimento das Forças Armadas. Não há nenhuma revolução que não tenha contradições destas; que não passe por fases de estrangu-E Vasco Gonçalves recordou o

exemplo de Cuba:

«Ainda hoje, à tarde, ouvindo uma palestra sobre a revolução cubana, proferida pelo general-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas de Cuba, nós tivemos oportunidade de verificar tremendas dificuldades que eles atravessaram. Por exemplo ao fim de seis anos da revolução cubana (...), eles tiveram problemas de casos de sublevação reac-

que optamos pelo socialismo isso é muito grave. Isso representa uma grande responsabilidade. Há pessoas que dizem que optaram pelo socialismo, mas não fazem bem ideia do que estão a dizer nesse momento

É preciso ter bem a consciên cia do que significa a entrega total de uma pessoa optar pelo socialismo. É preciso que vós tenhais bem essa consciência. Dada a situação em que nós vivemos, dado o papel que apresentais em relação à classe operária, em relação às classe trabalhadoras, quer do campo quer da cidade; uma vez que sois uma van-quarda desses trabalhadores, vós deveis ter presente que toda a vossa vida está dedicada à implantação do socialismo em Portugal. Isso obriga a uma entrega total, a um combate total pelo socialismo. Isso não se resolve com verbalismo, mas com uma actividade quotidiana, com firmeza, com serenidade e lucidez, com a cabeca à prova de todas as pressões. com a cabeça à prova de todas as tensões. Deveis, em cada instante, ter isso bem presente.

Não podeis perder a serenidade. Não podeis perder a lucidez. Deveis compreender que o período revolucionário é um período agitado. E quando virdes um camarada menos firme, um camarada mais triste, um camarada mais desanimado, deveis lançar-lhe imediatamente a mão, num abraço

Luta de morte contra o capi-

«Esta luta — como disse o brigadeiro Corvacho, no Porto esta luta é uma luta de morte con-tra o capitalismo. As formas a que recorre o grande capital, quer o nacional quer o internacional, para travar este processo, são múltiplas. É preciso ter uma actuação permanente. É preciso ter mul-ta firmeza, espírito de sacrifício estar-se disposto a entregar-se to-talmente à Pátria e ao Povo.

Vós tendes um papel fundamental a desempenhar como vanguarda dos trabalhadores. Cada um de vós quando sair daqui, deve ser um pólo de irradiação das ideias que aqui foram expostas dos tra-balhos a cometer; um pólo de ir-radiação de vigilância popular. Estamos num período de intensa vigilância popular.

Deveis combater intensamente o divisionismo nas vossas fileiras. E eu tenho uma grande alegria, nós que aqui estamos temos uma



destes. Essa gente que tantas criticas faz, como se pudesse ter resolvido, ao fim de quinze me ses os problemas da incompatibilidade, por exemplo dos extractos sociais que devem estar aliados; os problemas da crise económica que estamos atravessando; os problemas das contradições todas cionária em todas as provincias. que tiveram de dominar. E haviam passado seis anos. Esses problemas não deixaram

de me lembrar os problemas que hoje temos entre nós, em certas regiões do nosso país.» «Há uma questão muito impor-

tante. É que quando nos dizemos

FORCA, FORCA, CAMARADA VASCO

grande alegria por sabermos que este congresso tem decorrido sob o signo da unidade. Pois nós pretendemos isso a todo o transe. A unidade das massas trabalhadoras portuguesas, a unidade com o Movimento das Forças Armadas, a unidade Povo-M. F. A. Isto não são palavras. Há muita gente que nos acusa de verbalismo. Mas estas frases têm de contribuir para a formação da consciência so-

cial de todos nós. Nós temos um problema a resolver, que é pôr a consciência social de acordo com as transformações materiais que se têm operado na nossa sociedade. E ainda não conseguimos. Há um desfasamento entre a consciência so-cial das transformações que se estão operando, daquilo que é preciso realizar, com o derrube com o golpe de grande alcance — o golpe mortal, diria eu — que demos no capitalismo. Nós de-mos um golpe mortal no capitalismo monopolista de Estado. A fra-estrutura económica está, de facto, ferida mortalmente. Mas, por outro lado, a consciência dos portugueses — mesmo dos trabalha-dores — e, nomeadamente, a consciência da pequena burguesia e de certos estratos da média burguesia, que interessam tam-bém ao processo, não acompanha esses golpes.

E isso é uma contradição multo importante que prejudica a con-solidação da nossa revolução e que vós tendes de ter em atenção. E deveis procurar contribuir para a formação, de facto, dessa consciência, para a superação dessa contradição. Entre o facto de muitos de nós dizermos que optámos pelo socialismo e temos uma ascendência pequeno-burguesa que, na prática, não nos permite assumir verdadeiramente essa afirmação de que optámos pe-lo socialismo. É muito importante que tenhais isto presente.

Mas outras tarefas tendes quando sairdes daqui: a dignificação dos trabalhadores; o esclarecimento do que se está a passar neste momento. Este esclarecimento està intimamente ligado à cons-ciência do que é o papel dos trabalhadores como vanguarda deste processo.»

Allanca Povo-M. F. A.

«Nós não podemos caminhar para o socialismo», continuou o primeiro-ministro, «sem os traba Ihadores estarem integrados na vanguarda deste processo. Há o Movimento das Forças Armadas e um movimento revolucionário autónomo composto pelos traba-Ihadores, quer do campo quer da cidade. É a esta aliança, a esta união, que cabe o papel de vanquarda neste processo.

Mas esta vanguarda revolucio não pode caminhar isolada construção do socialismo. Ela necessita de alianças. É muito importante que tenhamos a consciência disto.

Nós vivemos hoje um momento Nos vivemos noje um momento em que as pessoas têm consciên-cia disso. Não nos podiam pedir isso quando estávamos fazendo o 25 de Abril e naquela luta cons-

tante que se seguiu. Mas nos ho-je temos bem essa consciência. Nos — quando eu falo em nos somos todos aqueles que fazemos parte da vanguarda - nós temos que ter aliados. Esses aliados te-rão de ser a pequena burquesia. os pequenos comerciantes, os pequenos industriais, os pequenos e médios agricultores, Esses aliados têm de ser conquistados pela nossa causa. Mas só com medi-das, só com actos materiais do tipo daquelas que aqui foram citadas nós poderemos provar que estamos conscientes de que de-veremos caminhar com aliados. Só com essas medidas. Não é conversando, só conversando.

terminada expressão ao nível político; a outro estrato social, outra expressão ao nível político. Sabeis que isso não se dá. Daí, muita confusão, muita falta de clarificação; daí o vosso grande papel de clarificar não só os vossos camaradas de trabalho, como também esses outros elementos que deverão ser nossos aliados, sobre a marcha deste processo. Mas é preciso que tenhamos consciência disto »

A vanguarda do processo

«Nós devemos avançar com este processo com vanguardas, mas não devemos afastar camadas da ção do homem pelo homem, será atingida.

preciso termos a consciência suficiente de que neste mo-mento nós não poderíamos nacionalizar totalmente a propriedade privada que existe no nosso país. Lá se chegará. Haverá um perlodo intermédio, que teremos de percorrer com os nossos aliados, mas sempre com a consciência de quem deve marcar o passo ao processo. E depois, ao fim desse período intermédio, nós atingiremos a sociedade que procuramos realizar na prática e que aqui foi definida pelo vosso camarada, a sociedade sem classes, uma so-



Seria muito grave que não tivêssemos a consciência disso, que não deveriamos ter aliados nesta marcha para o socialismo. E será na prática quotidiana e será dentro de algum tempo - não é instantaneamente - que esses aliados verão que, de facto, só têm a ganhar com a revolução socialista, que ela lhes dá mais que o capitalismo monopolista de Estado. Pois sabeis bem que es-ses estratos sociais oscilam entre as classes trabalhadoras e a grande burguesia. Nós precisamos de conquistar esses estratos sociais mas conquistá-los tendo bem a consciência de que nós somos a vanguarda deste proces-SO.

Este processo tem uma van-guarda e tem aliados. E é nessa fusão dessa vanguarda com esses aliados que nos devemos caminhar para o futuro. É claro que isto tem uma transposição ao nivel político, ao nível das organi-zações políticas. E nós devemos procurar que essa aliança seja feita também ao nível das organizações políticas.

É claro que os diversos estratos sociais não têm uma expres-são política perfeitamente clarificada. Quer dizer, a um estrato social deve corresponder uma de-

população que deverão ser, na prática, nossos aliados. Isto tudo deve ser assumido conscientemente. Porque nós não estamos interessados em que ao longo do caminho para o socialismo, se vertam as relações de classe. Não isso que eu estou aqui a propor. Este processo tem uma vanguarda que o conduz. Essa van-guarda tem a consciência de que deve ter determinados aliados.

É nesse sentido que se pode falar também na aliança Povo--M. F. A. Eu vejo nesta aliança Povo-M. F. A. uma vanguarda constituída pelas classes traba-lhadoras e pelo M. F. A., movimento revolucionário autónomo das Forças Armadas, aliado aos pequenos industriais, aos pequenos comerciantes, aos pequenos e médios agricultores, porque essa gente também era trucidada e explorada pelo capitalismo mono-polista de Estado. E num sistema de transição que nós consideramos, de facto, pôr em prática e executar, essas camadas serão progerssivamente conquistadas pa-ra a revolução. E, conquistadas para a revolução. E, conquistadas para a revolução, terão de futuro, o seu lugar assegurado, e chegará o tempo em que a socieciedade em que termine a explo ração do homem pelo homem.

Caracterizar o inimigo

Por isso, é muito importante saber caracterizar o inimigo em cada instante. O nosso inimigo é, de facto, o capitalismo monopolista de Estado; são os grupos que ainda existem e que ainda não foram destruídos; são as próprias camadas da burguesia; são os próprios empresários que, num período que sentem de indefini-ção, estão hesitantes entre as classes trabalhadoras e os ho-mens do grande capital que ainda lutam contra nós. Mas se eles perceberam bem que a definição está estabelecida, eles então sabem que o caminho a seguir é serem nossos aliados. É por isso que as forças capitalistas do nosso país pretendem dividir primei-ro o M. F. A., porque o M. F. A. é um problema para o capitalismo nacional e internacional; depois pretendem dividir a classe trabalhadora e pretendem pôr contra nós os pequenos e certos médios empresários; pretendem por contra nós a pequena burguesia, utilizando a situação que vivemos.

Pois, de facto, nós não podía-mos ao fim de quinze meses, in-

NOS SEREMOS A MURALHA DE AÇO

seridos na crise geral do capitalismo que o Pale vive e ainda na nossa própria crise, na crise do nosso próprio processo, não poderíamos, de facto, ter resolvido práticamente problemas que urge resolver, problemas da pequena burguesia que urge resolver de facto, e vós também tendes a consciência disso.

Isso também foi dito aqui pelo vosso camarada. São todas estas diferenças de interesse e os descontentamentos que existem neste momento que asío utilizados para nos dividir, com o objectivo final de restabelecer o sistema capitalista no nosso país. Esse é que é o objectivo final das forças reaccionárias e do capital que nos atacam. É preciso ter muito bem a consoléncia disso.

Na prática, essas forcas que mos combatem, desenvolvem actividades no sentido dos trabalhadores exigirem relvindicades incomportáveis, neste momento, com a economia do nosso país. Eu julgo que já se val fazendo luz na cabeca dos nossos trabalhadores; que o produto nacional bruto não comporta certas relvindicações que sos feitas hoja, que têm um carácter prejudicial, objectivamente safo feita hoja, que têm um carácter prejudicial, objectivamente mum período em que a presenta memor, transformar a consolência social dos trabalhadores.

Foi muito Importante o pape que os trabalhadores, a Intersindical, que as lutas reivindicativas desempenharam, no tempo do fascismo. Quando nos derrubá-mos o fascismo, no día 25 de Abril, havia greve, digamos, na cintura de Lisboa. Havia poderosas lutas da classe operária que eram silenciadas e não vieram nos jornais. Daí se ter desenvolvido imediatamente uma verdadeira revolução social no nosso nais depois do 25 de Abril. Não ram só os militares que fizeram o que hoje está feito em Portugal Foram vocês, foram as classes trabalhadoras, em aliança estreita com os militares, que o fizeram e isso já vinha de trás. Essa luta heróica da Intersindical, por exem-plo, e que por vezes tão denegrida é pelos adversários do pro cesso revolucionário, portan-to, os nossos inimigos, pro-curava meter «cunhas» entre curava meter «cunhas» entre nós, dividir. Além disso que eu referi, quanto a essas reivindicações que são absolutamente incomportáveis pela nossa economia — o que não significa que não sejam justas, que não possam ser justas —, enfim essas reivindicações se possam justificar, porque todas as revoluções enormes esperanças na resolução dos problemas. É evi-dente que o povo português, após o 25 de Abril, teve uma esperança enorme que fossem resolvidos rapidamente os seus problemas, mas isso não é real isso não é possível essa esnerança está ligada à própria despolitização das pessoas, ao des-conhecimento destes processos. Nós não podemos resolver os problemas rapidamente, com a velocidade que nós desejaríamos

que fossem resolvidos. Ora, isso aproveitado pelas forcas da reacção. Também eles procuram desmobilizar os trabalhadores da batalha da produção, introduzem factores de perturbação da re forma agrária e nas nacionalizações, lançam hostes entre os pe quenos e médios proprietários, atribuindo ao M.F.A. e às classes trabalhadoras designios que nun ca passaram pela nossa cabeça. Então, nós temos de nos defender e antes temos de combater isso, porque nós devemos saber melhor defesa é o combate. Nós devemos combater os nossos adversários, nós temos até agora avançado combatendo os nossos inimigos e temos de o continuar a fazer. Neste momento, avançar na revolução é consolidar as conquistas alcançadas, é alargar a nossa base apoio, mas não devemos estar torturados nem viciados pela situação em que vivemos, esta si-tuação é vivida por todas as revo-

As revoluções não se fazem a compasso de esquadro, não fazem com ensaios gerais, todos os revolucionários devem ter a consciência que um período revo lucionário é um período conturé um periodo de crise. crise que se reflecte até no seio dos nossos lares. E é preciso ter essa tal tensão, esse vigor inten-so de vontade, os valores espirituais. Já o tenho dito: um período revolucionário tem muito mais importância do que um período estabilizado. Vocês têm de ter uma paciência, uma calma, uma sere-nidade, uma firmeza, a toda a prova e a todos os níveis, no vos trabalho quotidiano nas empresas onde estais empregados, na discussão com os adversários processo, na discussão com os camaradas que são utilizados, até, como adversários deste processo inconscientemente, nas dis cussões familiares com os vossos filhos, com as vossas famílias. É isso que se traduz no espírito re volucionário, na prática, sem eso desenvolvimento do quecer movimento operario, que é uma ceca fundamental. Sem um forte desenvolvimento do movimento operário, sem um forte espírito de classe, sem a consciência que sois a vanguarda desta revolução, da responsabilidade que pesa sobre os vossos ombros (nós já temos dito, muitas vezes, que o povo português tem hoje uma oportunidade como teve em 1383), nós não podemos frustar as esperanças do povo português. Isso é uma responsabilidade midável, é uma responsabilidade empenha toda a nossa vida.

Vos que sois verdadeiros revulcionários, já não pertenceis a vós próprios, nem à vossa familia, mas a um todo muito mais largo, que é a nossa pátria. Isto a mais se palavares, nem é verda producidade de la consciencia que ete vem pór de acordo aquilo que lhes vai nas ideias e no pensamento com a sua acção, é muito fácil dizer isto que eu aqui estou fácil dizer isto que eu aqui estou fácil dizer isto que eu aqui estou na dizer e vós al estais para me julgardes. Mas vocês também producidades de la composição de l

vós tendes de estár na frente do combate permanentemente, é isso que significa a vigilância popular: é a dádiva, é a dávida total da vossa vida à revolução.

iair e a distiva, e a diavida total con a consistente de la consistente del consistente del consistente de la consistente de la consistente del consis

Eu pergunto. «É mais livre un tipo por ter um automòvel, frigoritico, moradia, etc., mas tendo que andar dentro darqueles cànones da sociedade capitalista. El composito de la composito de son la composito de la composito desse homem ou de um que tenha um nivel de vida material muito plor, mas que participe na edificação da sua patria; que discute com os outros nas comissões de harror de la comissão de la comissão de harror de la comissão de harror de la comissão de la com

Quem teme o poder popular?

Respondendo à assembleia que havia começado a gritar "Poder popular! Poder popular!", Vasco Gonçalves prosseguiu:

«O poder popular não é nenhum papão senão para aqueles que não estão com as massas trabalhadoras.

rrabainadoras.

O poder popular constrói-se a céu aberto, à vista de todos, sem sofisticações, na unidade das massas trabalhadoras e das outras suas aliadas com o Movi-



Povo-M.F.A. de mãos dadas para a conquista do socialismo

FORCA, FORCA, CAMARADA VASCO

mento das Forças Armadas. O poder popular é assim que se constrói. Quotidianamente, é nele que podemos realizar essa unie esse alargamento da

«Eu não tenho dotes oratórios», interrompeu o primeiro-mi-nistro, para continuar, depois de

vibrantemente aplaudido: «Quando eu estive em Moçam-bique e vi lá o desfile no dia da independência nacional, nós víamos diversos grupos a desfilar e por eles caracterizávamos até grosseiramente as classes sociais a que pertenciam. E, a determi-nada altura, vi desfilar um grupo nada altura, vi destilar um grupo mais heterogéneo, de pessoas melhor vestidas, de pessoas pior vestidas. Uns via-se que eram operários, outros que eram estu-dantes, outros funcionários ou pequenos comerciantes, etc. E eu perguntei ao camarada Chissano que era aquele grupo.

Era uma comissão de bairro. Ora vêem vocês aí construída na prática a tal aliança dos tra-balhadores com as outras clas-ses que devem estar interessadas no desenvolvimento dessa revolu-ção? Interessadas e não ame-

caor interessadas e nao amediontadas por ela?
Portanto, o poder popular não deve ser um papel, mas antes qualquer coisa que se constrói a céu aberto, em intima ligação com o M.F.A. e que é o nosso projecto do futuro, é o projecto da construção do socialismo em

preciso que tenhais consciência de que ao dizermos isto não estamos a alterar nem o Pro-grama do M.F.A., nem o pacto que assinámos com os partidos. Tudo isso é coerente. É mergulhar nesses textos e ver se não estão lá os «germens» disto que estamos a dizer.

Mas é uma grande responsabi-lidade esta da construção do po-der popular. E é muito grave. É preciso que tenhais bem a noção da responsabilidade que tendes sobre os vossos ombros, e nós sobre os nossos, na construção da sociedade para o futuro.

"Todas as revoluções cometem erros»

Isto tem de ser feito com cui-dado, com cautela para não frustrar esperanças, sem desilusões. Evidentemente, que há-de ser fei-to com erros. Todas as revoluções cometem erros. Mas é pre-

ciso analisar esses erros. Tem de ser feito sem sectaris mos, com verdadeiro espírito de unidade, esse espírito de unidade que vos desenvolveis nos sindicatendo por objectivo aquela meta comum que é a do socialismo, a da independência da nossa Pátria, a da felicidade do nosso

Mas isso tem de ser feito com muita consciência, com calma Não é feito a andar para trás. Não é teito a andar para tras. Não é isso que eu quero dizer. E termos bem a noção de que quando estamos a criar essas organizações unitárias, nós não devemos ser sectários, para não afastar outros, para não julgarem que há certas forças políticas que querem eliminar outras forças políticas no seio dessas organizações unitárias.

Devemos ter o major senso da gravidade da tarefa em que nos metemos. Nós, de facto, adoptámos o caminho para o socialis-mo, mas temos de ter muito cuidado ao percorrê-lo. Isto não quer dizer que fiquemos de mãos atadas. Quer dizer é que não devemos ser levianos, não devemos queimar etapas levianamente, devemos ponderar, devemos conso-lidar primeiro a nossa revolução.

Combate à reacção

aqui muito ligeiramente as tare-fas fundamentais que nos cum-prem no combate à reacção. Devemos fazer avancar imediatamente medidas de carácter econó mico que vão ao encontro das aspirações profundas das camadas que deverão ser nossas alia das e das camadas dos trabalha-

Isso, de resto, foi aqui aponisso, de resto, foi aqui apon-tado. Eu não estou aqui a dizer nada de novo. Isso mostra o amadurecimento da consciência das classes trabalhadoras. Eu não estou aqui a dar novidade ne-nhuma. Vớs ali, naqueles traba-lhos que tendes feito, dizeis isto. Isto mostra que as classes tra-balhadoras vão amadurecendo. De resto, eu desejaria dizer tam bém o seguinte: Vós deveis instruir-vos e discutir isto cada vez mais. Porque é entre vós que vão ser escolhidos os futuros dirigendesta Revolução. São os trabalhadores que devem ser pro-movidos. É o espírito revolucio-nário que deve ser promovido. E vós deveis ser os futuros dirigentes desta Revolução. Vós e os vossos filhos.

Devemos avançar com a tal revolução cultural. Dizem-nos também: «Andam para ai só esse nalavreado da revolução

Isto que nós estamos aqui a fazer, esta reunião que estamos a ter também faz parte da revolução cultural. A revolução cultu-ral não se faz assim: Rapaziada, ran hao se laz assili. napazituda, vamos agora acabar, não vamos agorá fazer mais nada senão discutir as coisas, às horas de trabalho, etc. Não é assim.

A revolução cultural também é

Tem que ter uma orientação

Há pessoas que nos criticam porque a gente tomou medidas de nacionalização, etc. E a revolução cultural?... Como se a re-volução cultural se pudesse fazer dp pé para a mão; como se a gente pudesse ter feito uma re-volução cultural sistematizada ando 28 de Setembro, antes do 11 de Março; como se não tives-sem passado só quatro meses dedo 11 de Março.

Eu pergunto: quantos anos de-pois de a China ter conquistado o poder começou lá a fazer a sua revolução cultural? E que condições têm eles com 700 mi-lhões de habitantes, com larguissimas fronteiras, com níveis vida até diferentes dos nossos?

As revoluções culturais não se improvisam. Mas para aqueles que não andam de olhos fechados, eles deverão perceber que, desde o 25 de Abril, começou uma grande revolução cultural no nosso país.

O controlo da produção

Vamos modificar o aparelho de Estado. E aqui tem muita impor-tância o papel dos sindicatos. As vossas ideias, as organizações que vocês esbocam, a colaboração que dêem para a construção do controlo dos trabalhadores sobre as empresas nacionalizadas e particulares. E mesmo sobre as outras.

Têm de se descobrir formas de controlo diferentes para as em-presas nacionalizadas e para as empresas privadas. Mas todas empresas privadas. Mas todas a elas devem estar subordinadas a um plano geral de desenvolvi-mento do nosso país. Mas isso deve ser definido. E

nós temos ideias sobre como de finir isso, de maneira que cada um saiba a missão que lhe está destinada na construção do novo Portugal. Sem ambiguidades e

com segurança. Essas organizações do poder popular — como há pouco estive a dizer - têm um grande papel também no combate à reacção. Forjam a grande unidade entre o Movimento das Forcas Armadas e as massas trabalhadoras e outras camadas que devem ser nossas

associações dos pequenos e médios empresários, as ligas, as organizações cívicas, tudo isso trabalhando em unissono, em unidade, será a tal base social do nosso apoio. Serão essas organizações, a unidade dessas organizações.

Unidade acima de tudo e contra todos

Dentro destas tarefas, este Con gresso e o movimento sindical têm um papel fundamental a desempenhar. Sem o triunfo do mo-vimento sindical, sem a consolidação da nossa unidade, que deveis defender acima de tudo e contra todos, não é possível o triunfo da revolução portuguesa. Isto é preciso que esteja muito claro na cabeça dos portugueses Há muita gente a quem custam estas afirmações.

Porque os trabalhadores eram a classe mais desfavorecida, porque ao fim e ao cabo era o extrato social que se encontrava no fim da escala social, embora haja trabalhadores até que sejam mui-to bem pagos. Mas globalmente classes trabalhadoras estavam no fundo da escala social. Então como é que se compreende que passem agora essas classes tra-balhadoras para a vanguarda?

Compreende-se porque estamos fazendo uma revolução; uma re-volução que tende a caminho do socialismo. E não se viu nunca, em parte nenhuma do mundo, revolução a caminho do socialismo, sem que os trabalhado-res estivessem na vanguarda desrevolução.

sa revolução.
Portanto, a respon bilidade deste congresso no seu njunto deve ser empenhar-se nestas tarefas que eu muito ligeiramente

adiantei e que os senhores têm consciência e que até pormenori-zaram mais neste trabalho que foi lido pelo vosso camarada e nosso camarada Manuel Lopes

O reforço da unidade de todos os trabalhadores, a reconstrução económica, o esclarecimento da importância que tem para a classe operária a aliança com a pequena burquesia e certos sectores mesmo da média burguesia. As conclusões deste congresso devem servir para a unidade de todos os trabalhadores. veis discutir essas conclusões a todos os níveis da classe traba-Ihadora, com persistência, com insistência. Porque dessa discussão sairá uma maior consciência de todos os trabalhadores.

Vós, como vanguarda dos trabahadores, não vos podeis desta-car do conjunto da classe trabalhadora. Vós tendes é que levar aos vossos camaradas essas ideias de vanguarda, para que a vanguarda seja cada vez maior, mais poderosa. E deveis ter o cuidado de não vos deslocardes dessa vanguarda.

nesse sentido que devemos estar sempre com atenção às relações entre a vanguarda e os estratos que apoiam essa van-quarda. Isso é muito importante e faz parte do «bê-á-bá» de qual quer revolução. Não nos afastar-mos daqueles que nos apoiam.

O M.F.A. está convosco. É convosco que pensa que deve ser construído o socialismo. (...) O nosso povo não é reaccio-nário. Mesmo quando se fala dos homens do Norte e tudo isso, Não tenhamos ilusões. O povo não é reaccionário. Pode é ser utilizado pelas forças da reacção.

Nós, M.F.A. estamos, portanto, empenhados em que esta van-guarda se consolide, porque sem uma vanguarda forte nós construiremos o socialismo.»

O general Vasco Gonçalves re-feriu-se, em seguida, à necessi-dade de fundir as duas componentés da ligação Povo - M.F.A. Apelou também para que os trabalhadores tomem consciência da sua classe e não se deixem divi-dir por lutas partidárias.

«A revolução — acentuou tam-bém, a determinada altura — é uma vereda aberta na exploração capitalista, uma vereda que nos há-de levar à clareira, ao sol go socialismo, onde não há explo-ração do homem pelo homem.



DOCUMENTO DE ORIENTAÇÃO E ACCAO PARA UM PORTUGAL NOVO

A aprovação do «Documento de orientação e acção para um Portugal Novo» foi a coroação de um trabalho esgotante por parte de todos os trabalhadores e dirigentes inscritos no Congresso no sentido de unir os trabalhadores por uma linha de acção comum, justa e decidi-

damente voltada para a construção da sociedade socialista.

O abcumento do orienteção e acção para um Portugal Novo-olo
aprovado pela esmagadora maioria dos Sindicatos. Nenhum Sindicatos
volou «contra», registando-se, contudo, 7 abstenções por parte dos
seguintes Sindicatos: Mercenderios do Porto, Vestuário Porto, de Braga, Bancários do Porto, Rodoviários de Setúbal, Calçado de Aveiro e Revisores de Imprensa.

"Alavanca" reproduz, de seguida, e na Integra o texto do documento.

- PREAMBULO

1. SECÇÃO

II - MOVIMENTO SINDICAL PORTUGUES: PELO SO CIALISMO

III - NACIONALIZAÇÕES

IV - PELO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

V - REFORMA AGRARIA

VI - PESCAS

2. SECCAO

VII - POLITICA SALARIAL

- Necessidades dos trabalhadores

- Emprego Salários
- Habitação
- Previdência
- Saúde e Assistência
- Higiene e Segurança no Trabalho
 Ensino e Formação Profissional
- Tempos Livres
- 3. SECCÃO

- Organização Sindical

- Reestruturação Sindical Verticalização dos Sindicatos Dinamização e Organização das estruturas re-
- A organização dos trabalhadores na empresa Formação Sindical
- Informação Sindicar
- Relações Internacionais
- 4.º SECCAO

VIII - A PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NA DE-FESA DO PROCESSO REVOLUCIONARIO

- Controlo da Produção
- Batalha da Produção
- Unidade na acção A força dos Trabalhadores

I - Preâmbulo

Reúne-se, após 50 anos de obs-curantismo fascista o 1.º Congresso dos Sindicatos portugueses, num clima de ausência de constrangimento, em liberdade, no respeito por todas as opiniões existentes no sejo dos trabalhadores do nosso País.

Pela primeira vez, representan-tes dos trabalhadores podem exnir livremente as aspirações e as necessidades, as opiniões e o

brutal que atingiu e vitimou mi-lhares de trabalhadores, nunca-estes se vergaram e nas fábricas e nos campos, nos Sindicatos e nas organizações clandestinas criaram ao longo dos anos as condições necessárias ao derrube do fascismo

Rata

batal tores impo sobre ção

prod nómi econ Ni cons

res I num vas ' eiste vista penh

teres

S

a n

dos

seu

0

resi pro

can

con

des

clas o a

UN

Po

pro

0

Cabe destacar a importância fundamental que também teve a luta pela libertação nacional dos irmãos das colónias e a solidariedade internacional



querer do povo trabalhador portu guês, traduzindo o seu compromisso na luta ardente pela con-solidação do processo revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974, e a sua participação activa na criação das condições que conduzirão à sociedade que porá fim à exploração do homem pelo

Esta possibilidade foi aberta graças à luta incessante do povo português contra o fascismo e seus aliados — as forças do im-

existiam quaisquer liberdades po-líticas e sindicais, sentiu-se a necessidade da unidade e da coor-denação das lutas, criando-se condições que precipitariam o fim de um regime condenado pela História. Essa necessidade de coordenação da tuta e da unida-de vital materializou-se com o

A acção decisiva do MFA, ao derrubar o regime fascista com o apoio do Povo português, e sua

COMPLETE OF

prática indo ao encontro das aspirações das massas populares foi factor fundamental para o inicio da aliança revolucionária entre o Povor e o MFA, abrindo novas possibilidades de luta aos trabalhadores para a sua emancipação.

A htersindical e os Sindicatos, em unidade com os trabalhadores das ex-colónias e das forças progressitas do mundo, contribuiram para o tim das guerras coloniais e o inicio da descolonização que veio possibilitar uma era de paz e abrir o caminho da emancipa- cão do nosos Povo e dos Povos da Quiné, Moçambique, Cabo Vere, São Tomé, Angola e Timor.

de, sao tome, Angola e timor.
Hoje, novas e ridentes perspectivas se abrem ante os trabalhadores e suas familias, ante o povo
português no Portugal Democrático a caminho do Socialismo.

co a caminho do Socialismo.
Os trabalhadores, os seus sindicatos, a Intersindical mobilizarão e conjugarão todas as forças, dando assim contributo decisivo à concretização destes objectivos, defendendo um sindicalismo unitário, de massas, democrático e independente.

II — Movimento Sindical Portuquês: Pelo Socialismo

A pasada heranca das estruturas fascistas que apoiaram a política de lucros escandaleoso proseguida pelo capitalismo monopolista e latifundista, a hostilidad por este demonstrada ao proceso encetado em 25 de Abril — atraves da sabotagem económica, de de capitals, do abandono de milhares de hectares de terra — exigem medidas indicais e urgento de capitals. Por capital de local de local de capitals de capitals de procesos do País e de local de Covo.

Nesse sentido, o Congresso dos Sindicatos afirma o seu total apoio as medidas revolucionárias tomadas pelo Conselho da Revolução no sentido de pôr fim ao poder económico do capital monopolista

e latifundista.

O Congresso considera que as transformações revolucionárias em curso, o seu aprofundamento no sentido da construção de uma sociedade socialista que pomha lim a todas as formas de exploração do homem pelo homem, devem ser obra dos trabalhadores e dos seus sindicatos em unidade com o MFA e todas as forças progressistas e democráticas.

Enquanto organizacos democráticas de massas e de classe, os sindicatos estão profundamente interessados na criação das condiinteressados na criação das condique abra a via de socialismo. Neste sentido, esto dispostos a dar contribucido activa e responsávo in assumindo a plenitude das funcios que interes activa en escasaciais, e participando, se necessário, na gestão dos organismos económicos e sociais, como garantia de que todos os direitos dos trabalhadores serão assegu-

rados.

O Congresso considera que a sociedade socialista permitirá ese futuras das classes trabalhadoras e do Povo em gerál. Nela estaño criadas as condicões para libertar o Homem de todas as pressões políticas, económicas, sociais e culturais permitindo o pleno deservicionemento, para responder a estes objectivos a sociedade as coleitats deverás:

- substituir a propriedade capi-



talista dos grandes meios de produção industrial e agrícola pela propriedade social ou colectiva;

— estabelecer um poder politico que exprima os interesses da classe operária e de todas as camadas trabalhadoras e assegure a democracia mais ampla para e com o Povo, em todos os domínios da vida do Pais.

III - Nacionalizações

O Congresso considera que ab medidas de democracia política em vigor, devem juntar-se as indiocesas de democracia cosno mais curto tapso de tempo, a apropriação privada da produção social, elemento fundamental da exploração do homem.

O Congresso afirma o comprometimento dos sindicatos e dos trabalhadores com o seguinte:

1—As nacionalizacios realizadas por atingirem o poder dos monopolios e por serem decretadas pelo poder democrático como consequência do avanço revolucionário, constituem medidas que conjugadas com a crescente mobilização dos trabalhadores, atingirão o objectivo de progressivativa de la companio del la companio de la companio del la companio de la compa

2.— Consolencialização dos trabalhadores - para que sintam que a economia já não lhes é estraha, ou seja, que a construção socialista da economia é tarefa deles para Seles de la construção deles para Seles de la construção acondições de vida está difectamente dependente do desenvolvimento global da economia, só possível se os trabalhadores revolonariamente se dedicarem com de la control de la control da produção.

3 — Ampla campanha de mobilização, esclarecimento e organização dos trabalhadores nas empresas nacionalizadas, de forma a criar as condições para que o seotor nacionalizado constitua a força dinamizadora do desenvolvimento econômico condição necessária à melhoria das condições de vida do novo portisuídas.

vida do povo português.

4.—Tendo em vista o papel altamente culposo da grande burquesia monopolita e latifundista
na actual situação econômica nacional e, por refeto; a sua respossibilidaderia do Povo Portuqués, aos grandes accionistas e
latifundiários não devem ser dada quásquer indemizações plas nacionalizações decretadas ou
a deoreter pelo Conselho da Re-

volução ou Governo Provisório, e dadas garantias de reembolse aos pequenos accionistas.

5 — Apoio incondicional às nacionalizações já decretadas pelo CSR e a sua extensão a todas as indústrias chave do país, assim como às dos sectores vítimas de sabotagem económica.

IV — Pelo Desenvolvimento

A fim de ultrapasar a heranca do fascismo, cuja política não prosseguia outros fins que não os do capitalismo nacional e internacional o que provocou um desenvolvimento desequilibrado a depedente a um atraso tecnológico acentuado, deverá ser instrada uma política económica que:

1 — Ponha em prática uma economia planificada baseada nos novos fenómenos económicos e sociais e na cooperação internacional, garantindo a independência e soberania nacionais.

2 — Ponha em prática, em todos os sectores da economia, organismos apropriados desde o nivel da empresa até ao nacional,
no sejo dos quais os trabalhadores, pelos seus representantes
eleitos, possam fazer valer os
seus pontos de vista e exercer os
seus direitos e responsabilidades.
3 — Preveja a associação dos

3—Preveja a associação dos trabalhadores na gestão dos diferentes escalões, a participação dos seus representantes nas instâncias de direcção, o direito à informação e à elaboração de orientação, ao controlo da gestão e da aplicação de decisões.

4—Combata o desemprego, oriando novos postos de trabalho. Considerando que não existem neste momento condições objectivas que permitam o lançamento de imediato de um plano geral que estabeleça as directrizes conoretas de desenvolvimento aconó-

que estabeleça as directrizes concretas de desenvolvimento econónico numa perspectiva socialista, há que avançar com medidas sectoriais urgentes no sentido de desbloquear a actual situação, designadamente:

1) Nacionalização dos secto-

res básicos e das indústrias sujeitas a boicote económico, salvaguardando contudo a posição das pequenas e médias empresas. 2) Máximo aproveitamento da

capacidade produtiva instalada.
3) Total controlo, através de empresas estatais sobre o Comércio Externo, com os seguintes objectivos:

— Alteração dos padrões de consumo.

- Desenvolvimento da produ ção nacional.

Diversificação de mercados externos diminuindo à actual dependência em relação aos países capitalistas.

— Criação de condições que permitam o acesso dos mercados externos às pequenas e médias empresas.

 Controlo dos preços eliminando a fuga de capital.

Especialização de um banco e de uma companhia de seguros para o Comércio Externo.

4) Controlo do comércio interno, eliminando o parasitismo e a
especulação, protegendo o consumo e a produção e atenuado
distorções e desequilibrios na balança de pagamentos, através da
criação de empresas estatais responsáveis pela comercialização
dos produtos essenciais, nomeadamente alimentares, e instituindo
um sistema de controlo efectivo

dos preços desses mesmos bens.
5) Lançamento imediato de um plano de necessidades, estabelecendo prioridades fundamentalmente no campo alimentar e social, com vista a:

Desenvolver prioritariamente as produções necessárias ao mercado interno.

Cado interno.
 Reforçar a capacidade produtiva, contribuindo assim para a melhorja da situação da balan-

ca comercial.

— Reestruturar os sectores industriais de forma a pôr fim à produção anárquica.

Tal plano serviria de orientação e mobilização das massas trabalhadoras na Batatha da Produção.

Efectivo apolo às pequenas e médias empresas prestando-lhe não apenas o auxilio financeiro mas, principalmente um apoio que tenha por base o conhecimento real dos problemas dos sectores.
 Publicação de medidas con-

7) Publicação de medidas conoretas que defendam os direitos e permitam a solução dos problemas dos pequenos e médios agricultores, industriais e comerciantes, enquanto e na medida em que contribuam para a economia nacional.

nacional.

8) Publicação de legislação que responsabilize pessoalmente os administradores ou os seus mandatários que de algum modo sabotem a economia nacional, desviando fundos ou bens, fatéficiando documentos com o fim de camulfar a sua actividade, etc.

 Publicação de medidas de política fiscal que faça pagar mais a quem mais possui, instituindo pesadas penas para os casos de fraude fiscal.

10) Publicação de legislação que defina o papel dos investimentos estrangeiros na economia por forma a garantir a independência nacional e a salvaguardar

os interesses dos trabalhadores. Indispensável se torna, ainda a restruturação do Aparelho de Estado, pois necessário se torna responsabilizádo pela execução dos objectivos do plano.

 a) o saneamento profundo do Aparelho de Estado:

Para isso impõe-se

b) a reestruturação dos Ministérios relacionados com a economia com os seguintes objec-

 responsabilização a nível sectorial pelos objectivos da planificação económica;

responsabilização pela gestão das empresas de propriedade es-

- coordenação do sector ori vado e do sector público da eco

- subordinação da actividade rivada aos objectivos duma eco nomia que sirva os interesses das maccae nonulares

A REFORMA AGRÁRIA

- IMPORTÂNCIA DA REFOR-MA AGRÁRIA

A Reforma Agrária é condição indispensável para a política eco nómica e social do nosso país. No plano político leva ao avanço Revolução pela liquidação do poder dos grandes latifundiários, aliados históricos do fascismo e reacção. No plano económico permite o aumento da produção e diminuição da importação de produtos agrícolas. O plano social garante a melhoria das condições de vida da população dos cam-pos assegurando o direito ao trabalho e a um salário digno

Nas zonas de pequena e mé dia exploração agrícola, as trans-formações da estrutura agrária. terão de ter em conta o papel que cabe and pequenos agricultores numa sociedade na transformação

para o socialismo.

Assim, a Reforma Agrária pe mitirá arrancar do atraso da sária o proletariado agrícola; sal da falência os pequenos médios agricultores: transformar a nossa agricultura atrasada numa agricultura próspera, base necessária para o desenvolvimento independência da economia na cional

A Reforma Agrária, nas zonas do país onde predomina a pequena exploração agrícola, leva ao desenvolvimento de formas organizativas que permitam recto dimensionamento da explo-ração agrícola de tipo familiar.

Nas zonas de latifúndio a Reforma Agrária assenta na expro priação destes e na nacionaliza-ção das grandes explorações caentregando a pitalistas, quem a trabalha

2 — MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA O AVANÇO DA REFORMA AGRÁRIA

21 - Lei da expropriação e nacionalização da terra

Esta lei abrangerá todas as ex-plorações com mais de 50 ha de regadio ou 500 ha de terras de sequeiro

2.2 - Controlo dos meios de produção e das culturas, impedindo actos de sabotagem. O controlo e vigilância devem

ser exercidos pelos trabalhadores e pelos organismos oficiais em colaboração estreita com o MFA Lei contra a sabotagem da Reforma Agrária.

A destruição dos meios de pro dução e de produtos e manobras de alteração das condições de propriedade devem ser severamente punidas.

2.4 - Nacionalização das principais empresas que intervêm a montante e a jusante da produção agrária.

2.5 - Criação de cooperativas de comercialização e industrializacác

A criação destas cooperativas deve garantir a prestação de ser-vicos em condições favoráveis e 10 libertar os pequenos e médios em

presários dos circuitos parasitários

2.6 — Lei do arrendamento ru-

27 __ Leis de crédito e seguro agricola e rura

Especialização de um banco e de uma companhia de seguros para o sector rural. Crédito espe cial heneficiando sobretudo ienos agricultores

2.8 — Leis de tributação. Imposição de um sistema pro gressivo, isentando os campone-ses pobres e aplicando o princide «paga mais quem

2.9 - Política Social

Alargamento aos trabalhadores agricolas das regalias conquista das pelos trabalhadores em geral criação de equipamento socia mo escolas, centros de saúde, estradas, saneamento, etc.

CRIACAO DE NOVAS LINIA DADES DE PRODUÇÃO

A terra expropriada deverá set organizada em novas unidades producão a constituir com traba-

Defesa da Revolução, esmagamento da reacção, vigilância cona a sabotagem económica, etc. 4.3 — Participação nos órgãos

do Estado a) Participação nos órgãos do poder popular segundo o docu-mento-guia, aprovado na assem-bleia do MFA de 8 de Julho de

b) Participação nos Conselhos

regionais da Reforma Agrária.

c) Participação na elaboração do Plano Económico de Transição. d) Participação na Gestão da Previdência

4.4 — Participação na concreti-zação e avanco da Reforma Agrá-

a) Promoção de iniciativas vi sando a formação dos trabalhado res no que diz respeito à aquisicão de conhecimentos científicos técnicos (gestão, economia po lítica, controlo da produção, etc.)
b) Participação na gestão das Herdades do Estado.

c) Organização e dinamização da participação dos trabalhadores na discussão dos disposições la

gais da Reforma Agrária ---- E DU HIND PELA DEMOCRACIA, PELA PAZ

Ihadores assalariados ou peque nos agricultores. Apontamos tr

- Cooperativas de produção propriedade dos meios de produção é dos cooperadores. A gestão das empresas é da responsa bilidade dos trabalhadores, embo ra harmonizada com as necessi dades de planificação económica A remuneração do trabalho é re tirada a partir dos lucros finais

- Herdades colectivas - a pro priedade dos meios de produção é dos trabalhadores, e a remune-ração do trabalho é feita a partir da atribuição de um salário.

— Herdades do Estado

propriedade dos meios de producão é nacional

Os trabalhadores são pagos por meio de salário, sendo abrangidos pelas regaljas atribuídas aos tra-balhadores da função pública.

AS TAREFAS QUE OS SIN DICATOS DOS TRABALHADORES AGRICOLAS ENTENDEM LEVAR POR DIANTE SÃO.

4.1 - Defesa dos interesses socio-económicos dos trabalhadores. a) Flaboração dos cadernos reivindicativos.

b) Controlo do efectivo exercí-cio do direito ao trabalho, ao pleno emprego e ao repouso.
c) Saúde, habitação, educação

4 2 - Mobilização dos trabalhadores para as grandes tarefas po-líticas da Revolução.

d) Dinamização do processo de criação de Comissões de Traba Ihadores

4.5 — Reforco e elevação do nivel da organização sindical e das relações intersindicais a) Preparação de quadros sin-

b) Promoção de assembleias para discussão dos princípios da

actividade sindical c) Reforço das Comissões Sindicais

d) Ligação dos Sindicatos do esmo sector de actividade.
e) Ligação com os Sindicatos

os sectores de actividade. f) Ligação com as ligas de pe nos e médios agricultores.

g) Ligação com as Comissões Trabalhadores através da inte gração de delegados sindicais nessas comissões

Necessidades dos Trabalhadores

O Congresso ao determinar os campos de luta definidos neste capítulo, e que conduzirá à melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores têm em conta

actuais possibilidades económicas e financeiras do País e o actual estádio do desenvolto do processo revolucio-por forma a definir uma vimento do direcção segura que afaste os trabalhadores dos caminhos da

demagogia e da contra-revolução. necessidades e anseios profundos das classes trabalhadoras e dos seus aliados na fase actual do processo revolu-cionário: pequenos e médios agricomerciantes e indus trigie

A procura de soluções con cretas na realização das quais se empenharão os trabalhadores e suas organizações sindicais. e em cooperação com todas as estruturas das organizações do p o d e r popular, reforçando-se assim a aliança revolucionária

Emprego

O desemprego atingiu no fim do ano passado quase 200 000 trabalhadores. Para tal. contribuiram a herança do fascismo que jogava na emigração e fazia de-saparecer, em média 20 000 postos de trabalho por ano, e a sahotagem económica praticada após o 25 de Abril, principalmen te nela hanca na recusa de créditos e pelos capitalistas nacionais e estrangeiros. Mas contribuiu também a baixa de investimento e a incapacidade revelada pelo aparelho de Estado para, na vida altura, ter lançado uma série de programas que mantivessem o investimento público a nível elevado, substituindo-se assim à iniciativa privada.

O problema do desempredo só pode ser resolvido a médio e a longo prazo e dependerá, em grande parte, dos trabalhadores que estão empregados, das suas atitudes e da solidariedade militante, para que se criem as con-

dições para essa revolução. A problemática do em A problemática do emprego está sobretudo ligada à estratêgia do desenvolvimento económico. A criação de postos de trabalho em sectores vitais para desenvolvimento económico a solução que se tem de adoptar para que se resolva, não só o problema do desemprego, como também o aumento da produção e a reestruturação dos diversos ectores económicos, apenas sendo possível o pleno emprego em sociedade socialista.

Neste campo, os trabalhadores devem desempenhar uma importarefa, fazendo corporizar em projectos de investimento os seus conhecimentos práticos so-bre o funcionamento dos diversos sectores económicos.

O Congresso considera pois ue o combate ao desemprego tem de ser neste momento a prin-cipal frente de luta dos traba-Ihadores. Sem uma política emprego que assegure o efectivo direito ao trabalho, que deve ser consagrado constitucionalmente não forem tomadas medidas imediatas para reestruturação dos sectores em crise, em particular o sector da Indústria Hoteleira, Construção Civil e da Indústria Têxtil, não só não é possível avançar na resolução dos problemas políticos, económicos e ciais, como ficam criadas as condições para o avanço da reacção.

Para além das medidas que ve-nham a ser tomadas com vista à resolução do problema do em-prego, a definição de uma política de emprego passará:

- pela proibição do despedimento sem justa causa:

- pela proibição do «lock-out»; pelo direito à assistência material do Estado em caso - pelo

de desemprego involuntário; pelo estabelecimento de um horário de trabalho nacional que leve à redução do nú-mero de horas extraordinárias, principalmente quando de trabalho;
pela eliminação progressiva
de todas as situações de
pluriemprego, tendo em átenção um critério de justiça

Salárino

O Congresso realca a inserção da política salarial no processo revolucionário, e a subordinação daquela aos objectivos superiores do estabelecimento de um poder politico que exprima os interesses da classe operária e de todas as camadas trabalhadoras atitude dos trabalhadores face an processo produtivo tendo conta as alterações já efec tuadas no sentido da democratização económica, caminha para a definição da sua actividade produtiva, não como meio de aliee exploração mas como nacăr uma alavanca ao alcance dos tra-balhadores capaz de impulsionar de impulsionar e decidir da sua libertação econó mica e social.

Não obstante, torna-se neces sário a introdução de correcções na difícil situação herdada, tra-duzida, no fundamental, pela existência de grandes diferenciações salariais e um enorme leque ariais e um enorme leque consequências da lei do desenvolvimento desigual do capi-talismo — situação aliada à deterioração do poder de compra dos trabalhadores constitui o centro das atenções de muitos Sindica-tos e de centenas de milhares de trabalhadores e tornam impe rativas medidas que visem a con-tenção dos preços de produtos essenciais em níveis comportá veis pelas classes trabalhadoras o congelamento de certos níveis excessivamente elevados de salá e outros rendimentos, a mo ralização, enfim, da vida econó

O Congresso reafirma que uma correcta política salarial a pros-seguir deverá ainda:

 Garantir a defesa do prin-cípio de «a trabalho igual salário i g u a l» independentemente do sexo ou idade. Porém, a aplicação de tal princípio é dependente das condições concretas decor-rentes das alianças feitas pela classe operária na sua luta pelo socialismo.

2. Estabelecer retribuicões proporcionadas ao trabalho nos seus aspectos qualitativos e quan

 Fixar mínimos salariais que correspondam, em cada momento, às necessidades dos trabalha
 Servicio de la companya de dores, tendo em vista o custo de vida e a evolução global da eco nomia

4. Encontrar-se estreitamente ligada em todas as circunstâncias não só à situação dos sectores visados, mas principalmente à evolução global da situação económica.

 Incrementar salários sociais ou indirectos, dirigidos à satisfação e elevação das condições de vida das classes trabalhadoras, designadamente nos seus aspecassistenciais culturals e de

Habitação

Deverão inscrever-se numa po-Iftica social que tenha como objectivo a resolução do problema habitacional:

- O reconhecimento do direito à habitação a cada agregado fa-



englobando o conceito de habitação não só o alojamento. como ainda os equipamentos sociais (hospitais, escolas, lojas, transportes, etc.) e infra-estrutu-ras técnicas (água, electricidade,

- A prossecução de uma política de alojamento ao serviço das lações possibilitando cada familia pague uma renda de acordo com o rendimento do agregado familiar, ou seja pro-prietário do seu alojamento.

As carências habitacionais que afectam o Povo não poderão ser resolvidas a curto prazo.

A atribuição de alojamento de renda económica pelos agrega-dos familiares deverá ter em conta os que habitam em barracas ou bairros de lata, os que vivem regime de sublocação, os que tenham maior número de filhos, os que tenham menos recursos

Face às indecisões do sector privado em investir na Indústria da Construção Civil, o que oca-siona a paralisação deste importante sector económico e agu-diza o problema social da habioliza o problema social da habi-tação, o Congresso considera que se terá de avançar urgente-mente para a «Reforma Urbana», através de aplicação das seguin-tes medidas práticas:

a) Nacionalização das proprie dades urbanas que permitam aos senhorios um rendimento predial global e mensal líquido de impos-

tos, superior a 35 contos.
b) Criação de um fundo de habitação social para o qual re-vestiriam fundamentalmente:

 O valor do mês de caução actualmente na posse dos senhorios;

O valor das rendas pagas aos alugadores de barracas; As rendas das casas nacionalizadas conforme previsto no número anterior

c) Definição de uma política de solos urbanos e de expropriação, que estabeleça as finalida-des a atingir com eles e possi-bilite a sua mobilização por parte do Estado com base no princípio que o interesse social não pode estar subordinado ao interesse privado

 d) Definição do que deve ser a Habitação Social, tendo em contas as necessidades das classas trabalhadoras.

Lançamento imediato planos regionais de construção social, com o apoio das organizações populares, como meio de travar o agravamento de proble-ma habitacional e, simultanea-

nente, actuar sobre o sector da Construção Civil

f) Concessão de créditos destinados à compra de casas, fo-mentando a constituição de cooperativas de habitação

Previdência

O Congresso apresenta os princípios fundamentais, os objectivos e os meios, para que prossiga no nosso país uma polí-tica de Segurança Social.

As soluções apresentadas são o resultado das experiências que os representantes dos trabalhadores adquiriram pela sua participação nas Comissões Administra-tivas das Instituições de Previ-

Os princípios fundamentais mínimos de um es rança Social são: esquema de Segu-

UNIVERSIDADE - O esquema de segurança social terá desde já que cobrir toda a população (activa e não activa) nos aspectos considerados prioritários em

função das carências do povo português e dos recursos do país. ESQUEMA ÚNICO — No regime de auxílio social e na cobertura dos vários riscos, não poderá haver diferenciação por ramo de actividade ou profissão, devendo estar abrangidos todos os segu Para isso é necessário desde já a integração dos vários esquemas de Previdência (Caiesquentas de Previdencia (Carasas de Rescadores, I.O.S.) e assistência (D.G.A.S., I.F.A.S., Misericórdias), INTEGRALIDADE — A situação económica em que o trabalhador

se encontra à data da ocorrência do acidente ou doença não deverá ser diminuída.

INTEGRAÇÃO — Num sistema de Seguro Social, terá de ser tomado em consideração a integração na sociedade de todos os indivíduos inválidos, idosos doentes, assim como os reformados. As condições físicas, mate riais e culturais dos mesmos te-

o de se ajustar e diferencia ORGANIZAÇÃO UNIFICADA -Para uma verdadeira aplicação dos recursos humanos deverá ser criada uma organização destinada a facilitar estes objectivos

Para além destes princípios enuncia-se um esquema que po-derá servir de apoio à prática de uma Segurança Social:

POPIH ACÃO ARRANGIDA Numa primeira fase toda a população trabalhadora deve e abrangida pelo Seguro Social. fase posterior, a população não trabalhadora deve

ter acesso a todas as garantias da Segurança Social, de forma que o Seguro Social cubra ple-namente todos os riscos da existência

ESQUEMA DE BENEFICIOS -Deve integrar-se na Segurança Social a cobertura dos riscos de acidente de trabalho e doenças profissionais.

 Devem ser asseguradas à mulher trabalhadora as necessárias condições que permitam a mundo do tras. sua integração no mundo do tra-balho tais como: férias para parto, para tratamento de filhos doen tes, etc.

 Deve aplicar-se o subsidio de Abono de Família de forma equitativa, a fim de que sejam beneficiadas as famílias de capitação mais reduzida, tendo em vista um melhor equilíbrio do salário familiar.

- Os quantitativos das prestacomplementares referentes subsidios de nascimento, tação, casamento e funeral devem ser revistos de forma a situá-los nas realidades correntes.

- Subsidios para estadas programadas em colónias de férias, casas de repouso, estâncias termais, etc., com vista ao bem es-tar social do doente e das pessoas idosas.

- Devem ser analisadas as sis dos trabalhadores dos trabalhadores tuações trabalhadores-estudantes. grande agregado familiar de habitação, por forma a encontra-rem-se medidas concretas que possam solucionar estes aspec-

INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊN-CIA — O leque das instituições existentes deve ser objecto de estudo de forma a reduzir subs-

tancialmente o seu número - Convém centralizar num menor número de instituições a ges da Segurança Social com vista a uma economia adminis-trativa e a uma uniformidade de

REGIME FINANCEIRO - A Segurança Social tem por fim o bem estar da população; logo, não se pode conceber que um sistema de segurança social se apoie num regime financeiro de contibulação. capitalização, pois só um sistema misto ou de repartição poderá servir os interesses dos trabalhadores. A mudança de sistema financeiro não se pode fazer num dia, terá de ser feita por fases. M.E.D.I.D.AS. LEGISLATIVAS.—

Saída imediata de legislação revolucionária que ponha termo à evasão fraudulenta das entidades patronais no pagamento de con-tribuições, estando em dívida nesmomento mais de cinco milhões de contos.

GESTÃO — É o princípio desde há muito defendido pelos sindica-tos que a gestão da Segurança Social pertence exclusivamente aos trabalhadores segurados, por intermédio das suas organizações sindicais.

- A gestão financeira e administrativa deverá ser conforme à orientação definida pelo Conselho Superior da Revolução e de-mais órgãos do poder democrá-

- No problema da gestão insere-se o aspecto administrativo e de estruturas. Assim, nesta ma-téria, há que desenvolver uma acção tendente a uma racionalização dos meios humanos e materiais, de modo a obter uma administração menos dispendiosa e mais eficiente.

 Cumpre também às organizações sindicais, para mais rapidamente consegulir aqueles objec- Uma gestão inteligente e no interesse dos trabalhadores obri ga a um constante e exaustivo estudo dos problemas. Os trabaihadores saberão rodear-se dos técnicos qualificados e democrá ticos que existem nas instituições

- Elaboração de novas conven ções e Acordos sobre Segurança Social com os Países onde tra-balham portugueses. Revisão dos Acordos em vigor.

Saúde e Assistência

A resolução dos problemas de saúde não se pode desligar do contexto político ou económico que Portugal atravessa, e dos ndicionalismos cos das massas trabalhadoras.

Uma política democrática de saúde deverá reger-se pelos seguintes principios:

- Responsabilização do Esta pela satisfação das necessidades de Saúde.
- Acesso sem qualquer discri-minação de toda a população rural e urbana aos serviços de saúde.
- 3. Integração nos serviços de saúde das funções preventiva. curativa e de reabilitação.
- 4. Participação activa das poulações na orientação política dos problemas de saúde
- A aplicação cabal destes prinestá condicionada por questões de ordem política e pela solução de problemas só possível de ser encarada a médio e longo Está neste caso:
- a) A criação de melhores co dições de alojamento e habita-
 - melhoria progressiva da rede nacional de esgotos, de água potável canalizada e
- de electrificação; construção de novas esta ções de tratamento de lixos e melhoria do sistema de recolha de lixos. Organiza-ção do combate à poluição
- b) A melhoria da rede de co municações e transportes, tendo em vista especialmente as carências das regiões mais isolad
- c) A elaboração de um plano construção e reequipamento hospitalar para colmatar as maio-res deficiências da assistência hospitais distritais com bom nível técnico de prestação de cui-dados médicos diferenciados.
- d) A melhoria das condições económicas e culturais do Povo Português. e) A reestruturação das car
- reiras dos trabalhadores da saú-(médicos, entermeiros, engenheiros sanitários, odontologistas, paramédicos, etc.) no âmbito do Ministério da Saúde
- f) Para uma correcta profissionalização e integração progres-siva dos técnicos numa equipa de saúde devem estes trabalhar em tempo completo e em regime de exclusividade
- No entanto, e a curto prazo, os trabalhadores consideram que deverão ser tomadas medidas que conduzam a uma rápida melhoria do panorama da saúde em Por-

Com este oblectivo impõe-se a) Reestruturação total dos Serviços Médicos-Sociais da Pre-vidência com vista à sua integração no Serviço Nacional de Saúposto ao servico do Povo e dirigido prioritariamente para prevenção da doença.

O afastamento ou reclassi ficação, a nível central e perifé-rico, dos quadros comprometidos com o fascismo ou que consti-tuam obstáculo à prática de uma política de saúde verdadeiramente ao serviço do Povo.

A integração num Ministéc) rio da Saúde de todas as activi-dades médico-sanitárias, hoje dispersas por diversos ministérios, de modo a permitir um aprovei-tamento e rentabilidade mais ra cionais dos recursos humanos e materiais disponíveis, de acordo com princípios correctos de pla neamento. A nacionalização das Misericórdias e seus bens.

 d) Melhoria da alimentação, quanto ao valor nutritivo e à higiene dos alimentos, com especial e prioritária atenção para os gru pos mais vulneráveis (crianças, população idosa, etc.).

actividades de radiologia, radioterapia e fisioterapia.

 q) Construção de Casas de Repouso destinadas à população idosa. Liquidação dos actuais asilos» e «albergues» para ve-

r) Construção de creches e infantários com vista à satisfação das reais necessidades dos pais trabalhadores

s) Integração no Serviço Na-Saude dos problemas clínicos relacionados com acidentes de trabalho e doenças profissionais.

Elaboração de nova legislação no sentido de garantir aos cidadãos diminuldos, física ou mentalmente, a sua integração na sociedade

Higiene e Segurança no Trabalho

As condições de trabatho, no que respeita a higiene e segurança, apresentam-se graves, meadamente na indústria, consti-tuindo risco permanente para a saúde e integridade física dos trabalhadores.



e) A reestruturação dos serviços de higiene, segurança e me-

 f) A promoção da saúde matemo-infantil (assistência na gravidez e puerpério, incremento do parto hospitalar, cuidados à crianca. etc.)

g). Divulgação dos métodos anticoncepcionais nas Escolas e através dos meios de comunicação social.

h) Revisão da legislação so-re o aborto com vista à sua le galização.

Execução eficiente do plano nacional de vacinações e outras medidas de combate às doenças

infecciosas e parasitárias.

j) Educação para a Saúde. Co-laboração activa da população em programas de saúde e vigilân-

cia sanitária Assegurar um Serviço Na-

cional de Urgência. m) Reestruturação do Instituto Nacional de Sangue com vista a assegurar o seu funcionamento

nte. Redistribuição e formação n) Trabalhadores da Saúde em função das necessidades mais prementes do país, com atenção especial para as populações ru-

rais.

o) Controlo do Estado nas empresas que exercem a sua actividade no campo da indústria químico-farmacêutica e do equipamento médico

p) Controlo do Estado das Clinicas particulares e dos labora-tórios de análises clínicas e das

Embora não se disponha de uma estatística válida que permita quantificar a situação e avaliar objectivamente da sua gravidade, pode-se afirmar, sem receio de errar, que o número de acidentes do trabalho e de doenças profis-sionais é bastante elevado, muito superior ao que se verifica em qualquer país da Europa.

Esta situação só pode ser com preendida no âmbito de um goe acérrimo repressor das lutas dos trabathadores pelos seus di

Aos sindicatos, legítimos defendas massas trabalhadoras incumbe a exigência de promoção e criação de condições de trabatho que não prejudiquem a saúde, não afectem o bem-estar e sejam as mais adaptadas à fisiologia e psicologia humanas, é o trabalho que se deve adaptar ao trabalha dor e não o trabalhador ao tra-

Para alcançar estes objectivos é

1 — Seja publicada legislação - Defina as doenças profissio-

nais: Defina os produtos tóxicos

de manuseamento perigoso e esta-beleca as regras de segurança obrigatórias; — Defina os graus de perigosi-leca as regras de segurança obrigatórias que evitem a afectação de saúde do trabalhador;

- Responsabilize oriminalmente as Administrações das empresas que não cumpram as normas es-tabelecidas.

dom

ções

mass

dos

Co

sem

apon

mo, nha

pelas

com

mada

Soci

a ab

tuda

e do

locai

onde

porç

vés

nívei

dant

las d

litem

a no

traba

cacă

nas

sivei

resp

e 51

vias

trabi integ

nean seria

form

ofici.

plata

fissie

polit

perm

de

quai

ções etc.)

pern

esco

ÇÃO

da e

ensi

form

rativ

res i

na o

e no

balh

cons

mac

bl

nas

a)

2 — Sejam centralizados no Ministério do Trabelho todos os departamentos estatais existentes com funções sobre os problemas de higiene le Segurança no Trabalho

3 - Seja promovido mento e a reestruturação dos or-ganismos estatais com competêndia nos domínios da higiene e segurança no trabalho.

4 - Se atinja a integração dos erviços de medicina do trabalho no Serviço Nacional de Saúde.

5 — Se promova a colaboração na elaboração de legislação referente à organização da medicina, higiene e segurança no trapalno substitua a legislação vigente incompleta e desactualizada

6 - Se promova e colabore na elaboração de normas e regula-mentos de higiene e segurança.

7 - Se criem comissões de higiene e segurança de empresa da confiança dos trabalhadores encarregadas de promover as con-dições de trabalho e de fiscalizar a actuação dos serviços estatais de medicina e higiene do trabalho 8 — Se efective a participação dos trabalhadores nas decisões a tomar para melhorar as condições de trabalho a nível de empresa.

9 — Se promova a promoção profissional dos trabalhadores e a sua educação em higiene e segurança no trabatho.

10 - Se criem grupos de trabalho em todos os sindicatos, ca-pazes de darem todo o apoio técnico e não só, às comissões referidas no ponto sete bem como promover a medição dos resulta-dos obtidos a partir das iniciati-vas dos órgãos estatais, nos campos da saúde ocupacional e higiene do trabalho.

Ensino e Formação Profissional

O ensino e a cultura constituem, no contexto da luta de classes. um dos mais importantes instru mentos de dominação ao serviço da burguesia.

Durante o período fascista pro curou-se sistematicamente impedir que a chama da cultura viva che gasse a todos os homens, permi-tindo-se a proliferação do analfabetismo, da ingenuidade, da in-consciencia, da apetra social. A sociedade portuguesa cami-

nha agora gradualmente para o socialismo e visa, em última análise, a transformação de estruturas e mentalidades, a revolução político-social e a revolução cultural, a superação do homem alie-nado pelo homem novo, o utente concreto de uma sociedade sem classes, de uma história de libertação e progresso.

É pois necessário caminhar para a destruição da separação entre cultura e apropriação do real ciência e técnica, entre trabalho manual e intelectual, o que coloca a assimilação do saber num terreno mais favorável à classe ope-rária e camponesa e lhe dá armas para exercer o poder de gestão e pronunciar-se sobre a organização do trabalho na empresa sobre as

prioridades dum plano económico. O avanço do processo revolu-cionário exige a tomada de medidas que permitam o desmantelamento das estruturas do ensino legadas pelo estado monopolista e latifundista, e prossigam a sua

tugal,

democratização em duas direccões fundamentais - Elevação do nível cultural das

massas trabalhadoras: Possibilidade de acesso a todos os graus de ensino aos tra-balhadores e seus filhos.

Como tarefas imediatas que vi-sem a obtenção destes objectivos,

A extinção do analfabetismo, mediante uma grande campa-nha de alfabetização tançada pelas estruturas governamentais com a participação das Forças Armadas, Comissões de Moradores, Sociedades Recreativas, por forma a abranger largos sectores de estudantes, professores, intelectuais e dos trabalhadores que tenham condições para o fazer; para isso deverão ser criadas condições nos locais de trabalho, nomeadamente nas fábricas e nas zonas rurais, onde a analfabetismo atinge proporções elevadas.

b) A resolução dos problemas dos trabalhadores-estudantes, atra-

- ensino gratuito a todos os níveis para os trabalhadores-estu-

- criação de horários nas esco. las de ensino oficial que post litem aos trabalhadores-estudantes a normal frequência das aulas

- facilidades de transportes aºs trabalhadores-estudantes na deslocação para as autas
— funcionamento de cantinas

nas escotas, de modo a poderem fornecer jantares a preços acessiveis

oriação de cursos por correspondência, a nível secundário e superior com equivalência às vias normais de ensino — fornecimento gratuito de ma-

terial escolar e pedagógico; A formação profissional dos trabalhadores que deveria estar integrada no sistema educativo e, simultaneamente, inserida no pla neamento económico global; assim,

seria importante:

— Reconhecimento do direito à formação profissional;

 Atribuição e reconhecimento oficial de uma qualificação profissional aos estagiários que completam cursos de formação pro-- Controlo sindical dos Cen-

tros ou Escolas de formação profissional: - Correspondência efectiva en-

tre a formação profissional e a política de emprego;
— Criação de condições que

permitam o acesso de todos os tra-balhadores à frequência de cursos de formação profissional, sem quaisquer espécie de discriminações (económicas, de idade, sexo, etc.)

Criação de estruturas que permitam a formação profissional junto dos locais de trabalho;

- Alargamento do número de escolas de formação e qualificação profissional com possibilidade de equivalência a graus das escolas do ensino normal;

- Criação de departamentos no ensino superior que visem uma formação específica, técnica e ideológica, de gestores de cooperativas, sindicalistas, dinamizadores culturais, e abertos às classes trabalhadoras:

- A intervenção dos Sindicatos na programação das acções de for-mação profissional a desenvolver

e no controlo da sua execução;

— A íntima ligação com o trabalho produtivo, no sentido da constituição de unidades de formação-produção que ponham ao serviço da comunidade os produ-



tos dos estágios de formação profissional;

 — A necessidade da formação profissional ser encarada como uma formação integral do traba-flador, compreendendo uma for-mação de carácter cultural, político e sindical;

— A necessidade de estrutura-

ção de sistemas de formação pro-fissional a diversos níveis de quali-ficação, que permitam uma formação superior através do mundo do trabalho;

- A necessidade de reconver são dos organismos de orientação profissional tornando-os órgãos ao serviço efectivo dos trabalhadores.

Tendo en vista as necessidades de reconversão industrial, importa intitucionalizar estruturas que permitam unificar e coordenar as acções a desenvolver, por forma a dar resposta rápida às necessidades do País em reconversão profissional.

d) A criação do ensino pré-primário oficial, para o que é necessário: /

 Criar escolas oficiais de edu-cadoras infantis que garantam cadoras infantis que garantam uma educação condigna às crianças;

Oriar creches e jardins-escolas junto das empresas e por zo-nas residenciais, utilizando se for caso disso casas desabitadas; O fornecimento gratuito às orianças de alimentação.

O funcionamento efectivo do ensino básico, pondo em prática medidas que garantam os actuais 6 anos de escolaridade Obrigató-ria, criando condições para o normel funcionamento das autas pelos filhos dos trabalhadores, e nomes.

- Criação de uma rede escolar que priviligie os sectores industriais e agricolas; - Criação de escolas especiali-

zadas para crianças deficientes;
— Distribuição dos professores por forma a garantir o normal fun-cionamento de todas as escolas; — Transporte gratuito das criancas para a escola e da escola;

— Existência de cantinas por

escolas ou grupos de escolas, com refeições racionais a precos re-

 Criação, para além do tempo normal de autas de actividades que mantenham crianças ocupadas durante todo o dia.

A criação de Universidades populares destinadas a trabalhadores que não tenham prosseguido os estudos secundários.
g) A participação dos Sindica-

tos na elaboração da política geral de ensino. concretização das tarefas referidas requer também o desenvolvimento das condições económicas dos trabalhadores por forma a que eles não se vejam obrigados a recorrer ao «gancho» ou ao emprego dos filhos para poderem completar os seus salários por forma a poderem sobreviver.

A possibilidade de acesso a to dos os graus de ensino aos trabalhadores e seus filhos exige a modificação completa do actual sistema existente onde apenas as classes privilegiadas têm acesso às escolas; pera já é urgente a fixação de um número máximo de anos aos estudentes não trabalha-dores para permanência nos estabelecimentos de ensino, mantidos à custa das classes trabalhadoras.

Neste momento, e tendo sempre em conta o problema do desemem corta o problema do desem-prego, há que dinemizar o serviço cívico de forma a que nele par-ticipem o maior número de estu-dantes que, por este meio, pode-rão dar uma contribuição importante na resolução de alguns dos problemas apontados.

Tempos Livres

Uma das grandes conquistas dos trabalhadores, após o 25 de Abril, foi o aumento do período de férias remuneradas e da concessão de respectivo subsídio pecuniário. Merece especial realce, pelo seu

alcance histórico, o reconheci-mento do direito dos assalariados rurais a férias remuneradas, ins crito entre as medidas aprovadas para concretização da Reforma

Os tempos livres dos trabelho-dores, considerando não só o pe ríodo de férias, mas também os periodos após o trabalho, devem servir para recuperação das forças físicas e enriquecimento cultural.

Considera o Congresso que para etingir esses objectivos é funda-

 Que sejam melhoradas as redes de transporte público de forme a reduzir o período das des-locações entre os locais de tra-

balho e de residência.

2) Que o INATEL passe a ser erido por representantes do Mo-imento Sindical.

Que dos lucros das empresas sejam retiradas verbas desti-nadas ao INATEL.

Que seja divulgada e esti-mulada a prática do campismo, multiplicando-se os parques exis-

5) Que se constituam nas em-presas, per iniciativa dos trabalha-dores e dos sindicatos, bibliotecas, grupos de teatro, grupos desporti-

vos, etc.
6) Que os trabalhadores pos-sam utilizar as instalações despor-

tivas existentes, segundo contactos a estabelecer entre as empresas as colectividades de desporto.

Que o Estado subsidie os trabalhadores do teatro e do cinema organizados em cooperativas e proceda à reducão dos precos dos espectáculos.

8) Que seja dinamizado o Tunismo Social, devendo a sua orga-nização ser atribuição da Intersindical à qual o Estado deverá dotar anualmente uma verba do seu orçamento para esse fim e adequada ao número planeado de utentes, praticando-se uma política de precos mínimos que facilitem o gozo de férias por parte dos trabalhadores, utilizando as infra-estruturas já montadas e anteriormente destinadas riormente destinadas ao turismo de luxo, aqui, o GITUS — Grupo Intersindical de Turismo Social — tem um importante papel a desempenhar.

9) A organização de estruturas que permitam a ocupação dos tempos livres dos filhos dos traba-Ihadores enquanto os pais traba-

Juventude Trabalhadora

As perspectivas revolucionárias caminho do socialismo exigem não só a participação dos traba-lhadores nos Sindicatos, como como ainda uma cada vez maior parti-cipação da juventude, que permitirá formar os homens e as mulhe res capazes de dar continuidade à Revolução Portuguesa.

A juventude trabalhadora terá de, cada vez mais, estar mobil zada para os grandes objectivos nacionais que se poem aos trabahadores. No entanto, existem as-pectos específicos seus que só uma ampla participação na vida sindical poderá resolver.

Para que esta participação se verifique é necessário desde já fazer apelos à sindicalização da juventude. Será também necessá-rio garantir os direitos sindicaiejovens trabalhadores, nomea damente a possibilidade de se sindicalizarem a partir da em que comecam a trabalhar, ficando-lhes apenas vedado o acto de eleger ou ser eleito com menos de 18 anos.

A participação unitária de juventude nos sindicatos terá como objectivos não só o reforço da organização sindical, como sinda permitirá a resolução de alguns dos seus problemas específicos.

- Tarefas dos sindicatos para

O Congresso considera como tarefas fundamentais das Comissões de Juventude nos Sindicatos as seguintes:

- Estudo e resolução dos problemas específicos da juventude;

— Promover a sindicatização e esclarecimento da juventude;

- Apoio às iniciativas de carác-ter desportivo/cultural dos Sindicatos;
— Promoção cultural e profis-

sional dos jovens trabalhadores; — Promoção do trabalho volun-tário de carácter social;

- Aproveitamento dos tempos livres: férias, desporto, cultura, convívio e outros;

— Promover o intercâmbio entre a juventude portuguesa e a juven-

tude de todo o mundo;

— Formação de militantes sindicais jovens, dedicados ao pro-cesso revolucionário, pela elevação da consciência de cla juventude, pela solidariedade

- Defesa até às últimas con sequências do processo revolucio nário português e das conquist lá alcancadas pelo nosso Povo.

Organização Sindical

Das formas de organização das massas trabalhadoras depende em grande parte o éxito da futa pela emancipação

A organização não pode ser en carada como uma tarefa de conteúdo abstracto.

Antes ela corresponde à ne cessidade premente das organizacões sindicais poderem cumprir os seguintes objectivos:

- Reforço da unidade na accão dos trabalhadores, na defesa fir-me e esclarecida dos seus interesses no contexto duma socieda de de classes

-Eficácia da intervenção das organizações sindicais, em repre sentação dos trabalhadores definição e controlo das políticas económicas e sociais a nível na cional, regional e sectorial.

Herdando do fascismo uma o ganização sindical pulverizada, burocratizada e na maioria dos casos pobre de recursos materiais e humanos, os trabalhadores têm vindo a dar passos que lhe permitam uma actuação dinâmica na perspectiva dum sindicalismo uni tário, de massas, democrático e independente

Nesse sentido, ter-se-á de con tinuar a reestruturar os sindicatos, a dinamizar a sua vida interna a definir linhas de actuação concretas e a alargar o Sindicatismo a grupos de trabalhadores ainda grupos de trabal não sindicalizados

Reestruturação Sindical

Verticalização dos Sindicatos

Os objectivos a alcançar pela transformação dos Sindicatos exis-tentes, formados com bases na unidade dos trabalhadores da mes profissão, em sindicatos que lhadores que exerçam a sua ac vidade na mesma empresa, como também os que trabalham nas empresas do mesmo ramo de activi-dade económica, são já compreendidos e aceites pela grande mas ea dos trabalhadores

Considera o Congresso tarefa prioritária a verticalização das or-ganizações sindicais. Esta tarefa é determinada pela necessidade urgente da organização sindical acompanhar o processo revolucionário que vivemos.

Aumentar as acções no sentido da verticalização é uma tarefa prioritária das organizações sindicals, determinada pela necessida-de da participação dos trabalha-dores na planificação, na reconversão, na produção e no contro-lo de produção dos vários sectores de actividade económica.

A verticalização criará as condições que permitirão superar as causas de algumas deficiências na organização dos trabalhadores locais de trabalho, onde a pulverização sindical poderá leval formação de órgãos representaivos unitários à margem dos Sin dicatos.

Dinamização e Organização de Estruturas Regionals

São muito grandes as dificul dades que se notam na interven-ção dos Sindicatos e Intersindi-cal na vida política, económica e sociat a nível regional, resultantes

Deficiências de funcionamenuniões intersindicais nais, já existentes, por falta de meios humanos e materiais;

- Falta de estruturas organiza-as que enquadrem Comissões de Delegados Sindicais e/ou Co-missões de Trabalhadores existentes por Distritos, Concelhos, etc.

As deficiências existentes serão tanto mais notórias quanto a evo-lução do processo revolucionário necessidade de venção dos sindicatos nos órgãos de poder popular que levará à descentralização regional do po-der de decisão político, económico e social.

A estrutura sindical a nível re gional tem de acompanhar a esal que através da luta contra o patronato, na luta pelo desenvolvi-mento da Sociedade Socialista, se leva à prática a máxima da dade na accão, forca trabalhado res

As deficiências que se verificam na organização dos trabalhadores nos locais de trabalho têm três origens:

a) A falta de qualquer tipo de organização. Será superada pela dinamização das eleições de delegados sindi-

No caso das ampresas com port cos trabalhadores, onde há maior dificuldade na acção sindical, po der-se-á optar, para solucionar este problema, pela eleição de delegados sindicais entre trabalhadores que exerçam a sua acti vidade em emoresas de determinada área

b) A existência simultânea de Comissões Sindicais e Comissões de Trabalhadores

As causas do aparecimento de ais que uma forma de organizacão na empresa são de vária

Todas as estruturas dos traba-lhadores desde que representati-vas têm obrigação de defender os seus interesses nos vários campos de acção, político, económico e social.

As teorias contrárias a princípio, pretendem limitar o pa-pel dos Sindicatos a órgãos de reivindicação económica atastando-os da luta geral dos trabalhadores pela conquista duma socie dade que termina com a explora-

ção do homem pelo homem. A prática tem demonstrado que a existência de mais do que uma organização de trabalhadores representativas na empresa, actuandesligadas entre si, leva ine vitavelmente ao conflito de com-petências e favorece o campo de manobra dos divisionistas. ta-se como via para solucionar es te problema, a unificação das or-ganizações de empresa represenrativas dos trabalhadores; entretanto, deverão os Sindicatos ter como princípio a mais estreita união en-tre as Comissões de Trabalhadores, quando verdadeiramente re-presentativas, e as Comíssões de Delegados com vista a corrigir-se as tendências para o sectarismo abrindo a discussão e resolução dos problemas que se ponham, independentemente da sua natureza, por forma a que se vá refor-cando as bases do movimento sindícal unitário.

c) Isolamento das organizações dos trabalhadores das empresas em relação aos Sindicatos

aplicação do princípio -O Sindicato começa na empresafactor correctivo desta deficiência.

É necessário que os Sindicatos promovam regularmente reuniões com os Delegados Sindicais e/ou Comissões de Trabalhadores, a fim de, através da discussão dos problemas de interesses para a classe, se estreitar os lacos entre Sindicatos e as suas organizações de bases, e reforçar democracia na vida sindical.

É necessário, também, que existam iniciativas dos Sindicatos, promovendo, nomeadamente, reuniões nas empresas com os tra-balhadores, no sentido de os informar sobre os problemas sindi

Formação sindical

A formação dos militantes é, a par da sua acção sindical, um factor indispensável ao reforço da sua consciência de classe.

No actual momento da vida portuguesa, o alargamento dessa portuguesa, o alargamento dessa consciência torna-se recessário ao reforço não só da acção sindical, mas também ao avanço do pro-cesso revolucionário.

Os principals orientadores dessa formação terão em conta:

— O fortalecimento da unidade entre os trabalhadores

 O respeito pela democracia.
 A solidariedade internacional entre os trabalhadores. O desenvolvimento da cons-

ciência socialista.

— O amor revolucionário à Pátria.

-O respeito pela Paz.

A curto prazo, os Sindicatos e/ou Uniões deverão organizar cursos de rápida duração, dírigidos, prioritariamente, aos delega-dos sindicais e Comissões de Tabalhadores.

A Intersindical deverá iniciar de imediato as acções que levem à abertura de uma Escola de Quadros Sindicais



trutura administrativa do país, sobre a qual assenta ou assentará toda a descentralização da capa cidade actuante dos órgãos do

A prática demonstra que serão ineficazes, por falta de conteúdo político, toda a estrutura regional que os sindicatos criem que não

tenham em vista esta realidade Respeitando este princípio é ne cessário que a intersindical e os Sindicatos

- Organizem, com bases nos delegados sindicais, delegações e comissões de trabalhadores disconcethias e locais, tituindo o conjunto das várias de legações existentes na zona o suporte de organização das uniões intersindicais a nível distrital, concelhio ou local

- Dinamizem a participação das Uniões distritais existentes na vida social da área que abraniam

Dotem as estruturas regionais dos meios humanos e financeiros indispensáveis a um funcionamento real e efectivo.

- Estimulem a constituição de uniões intersindicais distritais on de ainda não existam, como é o caso da Madeira e dos Açores.

A Organização dos Traba-Ihadores na Empresa

É no local de trabalho que fundamentalmente se forja a unida-de das massas trabalhadoras. É

ordem, vão desde deficiências de organização sindical, passam pe formas organizativas utilizadas pelos trabalhadores na luta contra o fasoismo e pela sua dinâ-mica revolucionária após o 25 de Abril e terminam nas manobras divisionistas dos contra-revolucio

As causas do aparecimento de mais que uma forma de organização na empresa são de vária or-dem: vão desde deficiências de organização sindical nomeadam te na ausência da verticalização. passam pelas formas organizativas utilizadas pelos trabalhadores na luta contra o fascismo e pela dinâmica revolucionária após o 25 de Abril, e terminam nas manobras divisionistas dos contra-revo nários.

Mais importante do que analisar as causas está a necessidade de definir (inhas de orientação que levem à criação das condições necessárias ao reforço da unida-

de dos trabalhadores na empresa.

O Congresso condena todas as formas de sectarismo que impossi bilite a coordenação e ligação entre os sindicatos e as várias formas de organização dos tra-balhadores nas empresas, independentemente da designação que elas utilizem.

Assim, o Congresso afirma que não existem tarefas que sejam da competência exclusiva das Cocompetência exclusiva das Co-missões de Trabalhadores e outras tarefas da competência exclusiva das Comissões de Delegados.

Informação sindical

Um grande esforco tem sido fe-to desde 25 de Abril até agora, quer pela Intersindical quer pelos SINDICATOS, no sentido de informar os trabalhadores sobro s problemas que os afectam 1 contribuição do movimento sin-

a contribuição do movimento sin-dical para a sua resolução. Neste sentido, a Intersindical organizou o seu órgão oficial, o jornal «ALAVANCA», e um pro-grama da rádio do mesmo nome, que têm sido os porta-vozes das organizações sindicais e dos trahalhadores.

Também as DIRECÇÕES SINDI-CAIS têm publicado BOLETINS PROPRIOS que não obstante os aspectos positivos, duma manei-ra geral são generosos e pecam pelo exagero na repetição de temas genéricos.

A publicação que tem vindo a ser feita pelo «ALAVANCA» de suplementos passem a ser dedica-dos a cada Sindicato é lá um passo para tentar corrigir essa deficiência

Porém, atingir-se-á maior eficácia, no momento em que esses suplementos dedicados, não a este ou àquele Sindicato, mas a deou aquele Sindicato, mas a de-terminado grupo de Sindicatos re-presentativos dos trabalhadores do mesmo ramo de actividade. O Congresso considera ser ne-cessário, no entanto, um maior es-

forco dos Sindicatos no sentido dos trabalhadores terem uma informação que:

- reflicta a perspectiva sindical sobre os acontecimentos políticos,

sociais e económicos;
— seja um elo de ligação entre os trabalhadores portugueses e destes com os trabalhadores do

mundo: - permita a ligação dos traba-lhadores às Organizações Sindi-

cais;
— seja um instrumento de formação da consciência de classe das massas trabalhadoras e um obstáculo à penetração das ideo-logias da burguesia.

Para alcançar esses objectivos é indispensável:

— Uma major divulgação entre os trabalhadores do jornal «Ala-vanca», e dinamizar a participa-ção dos trabalhadores no seu jornal, através de artigos, noticias, etc., devendo constituir-se em cada empresa grupos de trabalho específico para o efeito.

 A continuação da utilização de rádio, tentanto, no entanto, que os programas sejam audíveis em horário mais favorável.

horário mais favorável.

Utilização pela INTERSINDICAL dum programa na TV.

— Uma melhor coordenação na informação entre os órgãos da informação entre os órgãos da informação da INTERSINDICAL e dos SINDICATOS, nomeadamente entre os Boletins dos Sindicatos o prima *ALMVANCA*.

A Utilização palas Sindicatos

— A utilização pelos Sindicatos de circulares para informação e esclarecimentos de problemas concretos.

Relações Internacionais

Portugal não vive isolado no mundo. A estrutura actual da nos-sa economia coloca o país face à crise geral do sistema capitalista mundial e às consequências que a mesma origina para os traque a mesma origina para os tra-balhadores de todos os países (in-flação — subida de precos, de-semprego — despedimentos, etc.) As contradições entre estados capitalistas e o papel negativo









que têm as sociedades multinacionais degradam as condições de troca e contribuem assim para agravar o subdesenvolvimento de numerosos países.

Todas estas azzoles levam a Indus estas azzoles levam a Indus estas azzoles levam a Indus estas azzoles azzoles estas azzoles azzoles multinacionais, para coordenar as lutas nomeadamente contra as sociedades multinacionais cuja actividade se estende tentacularmente a vários países.

Tendo em conta as características actuais do movimento sindical português, a Intersindical manterá a sua decisão de não afiliação internacional.

Situando a sua actividade no quadro do processo revolucionáio em curso em Portugal, no qual ela actua de maneira decisiva no interesse dos trabalhadores e do povo português, a Intersindical continuará a sua actividade de cooperação internacional com to das as organizações nacionais. dependentemente das suas filiações internacionais e das suas posições no seio dos respectivos países. A mesma posição mante-rá em relação às organizações sindicais internacionals ou conti nentais com as quais continua disposta a cooperar com base no respeito da soberania e da independência do movimento sindical português

A Intersindical aplicará nas Relações Internacionais esse principio, não tolerando que o nosso desejo de amizade e cooperação possa permitir a contestação da nossa independência ou que seja tolerada qualquer ingerência externa que vise influenciar ou dividir o movimento sindical portuquês.

O desenvolvimento das relações entre a Intersindical e as organizações sindicais estrangeiras continuará a ser a forma concreta de reforço do espírito de solidarie-dade internacional entre todos os trabalhadores.

VI — A participação dos Trabalhadores na defesa do Processo Revolucionário

CONTROLO DA PRODUÇÃO

O controlo da produção pelos trabalhadores corresponde às necessidades do processo revolución nário e é uma garantia essencial para o seu avanço e consolidação.

para o seú avanço e consolucação.

O control o a produção e a batalha da produção estão inflamemente gados sendo aque demente qua de sendo aque demente qua de la composição de la batalha; nele deverão participar as mais amples massas de trabalhadores operários, quadros téonicos e administrativos, conjugando os seus esforços para a realização dos objectivos comuns.

O controlo da produção visa objectivos a curto e longo prazo, podendo assumir várias formas, consoante a experiência de juta dos trabalhadores.

Como objectivos mais imediatos destacam-se a manutenção da actividade produtiva, a orientação da batalha da produção, o reforço da organização unitária dos trabalho, a consciencialização crescente desta face à situação sconómica, a luta contra a são tagem económica, a luta contra a são tagem económica e o desemprego, a racionalização do processo produtivo, a fiscalização da gestão, despertando a iniciativa e o poder criagor de prabalhadores.

O controlo da produção permitida através da prática, o conhecimento por parte dos trabalhadores da esonomia, permitindo equacionar os problemas numa basecada vez mais ampla alargandose os estreitos horizontes em quesão colocados, criando bases para a alteração das relações da produção capitalista.

No entanto, é indispensável e urgente que o Movimento Sindical desenvolva ampla campanha de informação, e formação dos trabalhadores para uma mais próxima intervenção neste cargo.

Como objectivos a mais tongo prazo destaca-se a orientação da economia de acordo e ao serviço dos interesses dos trabalhadores assente num plano central democraticamente elaborado e imperativamente levado à prética.

Dado que no momento presente não é possível a elaboração de um tal plano, os trabalhadores, or ganizados, e através do controlo operário, vão oriando as condições para que este não se exerça apenas a nível de empresa mas tenda a alargar-ae aos sectores industriais, indo até à Intervenção directa num planeamento que satisfaça as necessidades so-

Tendo em conta que as formas

que o controlo da produção pode assumir são variadas dependendo do dipo de empresas e da situação desta no processo produtivo, da consciência e organização dos trabalhadores, reflectindo a correlação das forças políticas e sociale existentes na empresa, no sector e a nível nacional o Congreso de contra de

a) Reconhecimento do direito dos trabalhadores ao controlo da produção nas empresas, nomeadamente nacionalizadas, e naquelas que, pelo seu volume de negócio ou posições estratégicas no processo produtivo possam ter importancia no desenvolvimento econômico.

 b) Definição de que o exercício desse direito será da competência das Comissões Sindicais e/ou Comissões de Trabalhadores e dos Sindicatos.

c) Reconhecimento do direito ao controlo da produção a nível sectorial e regional pelos sindicatos e demais organismos sindicatos e demais organismos sindicatos.

d) Reconhecimento do direito dos órgãos de controlo examinarem a escrita e documentação referente à gestão das empresas, no âmbito desse controlo.

e) Definição dos actos de gestão comercial ou industrial que não poderão ser efectuados sem conhecimento prévio dos órgãos de controlo.

f) Definição clara de que a actividade do controlo nunca pode ser exercida com prejuízo da pro-

Batalha da Produção

O Congresso considera que a batalha da produção engloba motores políticos e económicos. Do ponto de vista político, o mais importante é a mobilização e consciencialização dos trabalhadores sobre o seu papel na transformado e alteração das relacões de produção, do ponto de vista económia que se pretende pór ao serviço dos trabalhadores e o controle da produção.

Muma primeira tase, a batalha de produção deve conducir la consciencialização dos trabalhadores face à globidade do processo produtivo e suas interpendências, numa segunda fase, levar a novas tomadas de posição por parte dos trabalhadores face ao novo vista o papel que têm a desempenhar como defensores dos interesses colectivos da sociedade. A batalha da produção deve

ter os seguintes pontos-chaves:

- aumento de produção quantitativa e qualitativa;
- melhor aproveitamento das estruturas existentes, nomeadamente instalações e equipamento;
- díminuição de desperdícios e de matérias-primas e combustíveis utilizados;
- política de compras orientada para a produção nacional com encomendas centralizadas por actividade ou, em alguns casos, por sector;
- desenvolvimento da produção de bens essenciais possíveis de serem criados no país;
- racionalização do processo produtivo, com principal incidência em sectores de produção de bens supérfluos, de forma a colocá-los ao serviço da produção de bens essen-

Sem a coordenação de esforços a nível sectorial e nacional, pelas organizações sindicais, os resultados a atingir serão límitados.

O importante papel das organizações sindicais, reforçadas pelo seu processo de verticalização, resulta, assim, mais claramente.

Os Sindicatos, enquanto organizações democráticas e unitárias dos trabalhadores, ráo devem ter responsabilidade exclusiva no processo de aprodução, antes dem manter a sua inspendencia nomeadamente no esta de a contra as situações concretas da economia e as suações concretas da economia e das suas possibilida-

A batalha da produção depende fundamentalmente dos trapalhacores, ou seja, da consciência de classe destes, reconhecendo que o avanço do processo revolucionário passa pela manutenção em funcionamento da economia, da sua alteração e do seu controlo.

UNIDADE NA ACÇÃO

— A FORÇA DOS TRABALHADORES

Porque devemos estar unldos

Pela sua posição no processo produtivo capitalista, o trabalhador, quando isolado, encontra-se numa situação de fraqueza perante o patronato. O trabalho, condição necessária da libertacia o do homem da natureza, na luta pela estifação das suas necessidades, tem de cumprin-se socialmente. Mas na organização da produção, impossivel sem ampla cooperação, impossivel sem ampla cooperação, pode de uma posição de força. Pelo facto de deter o capital, pela profedade dos meios de produção—a terra, as casas, as máquinas e as ferramentas—pode dispor da participação de gâda coi de produção pode de manda produção, produção

Na sociedade moderna, isolado, o trabalhador depende em absoluto do patrão capitalista. Mas unidos, como classe, os trabalhadores têm toda a força.

Impõese de facto, a discussão dos problemas a a participação no esforço das soluções apontas nume base o mais ampla possível. A contribuição da classe trabalhadora — imensa maioria da população — nesse esforço é condição ricessaria do desenvolvimento do processo de democratização em Portugal.

A Unidade Sindical — suporte do processo democrático revolucionário

Sob o fascismo, os trabalhadores portugueses desenvolveram uma importante accão sindical independente e unitária em defesa dos seus interesses imediatos, na

trabalhadores procurando dividir o Movimento Sindical, difundindo o principio do pluralismo da organização. Fizeram-no sob falsos pre-textos de domínio do Movimento Sindical por cúpulas dirigistas. Como se, em liberdade sindical, os trabalhadores consentissem que outros, que não os seus legitimos representantes, estivessem à testa do Movimento Sindical. Como, se entre os trabalhadores, um dever de solidariedade e uma absoluta necessidade de unidade, não nos apontasse sempre a luta processos democráticos adentro de toda a organização em vez do seu abandono — e do aban-dono dos menos esclarecidos às mãos dos oportunistas. Como se não houvesse entre os traba-lhadores a comunidade de interesses bastantes para que sempre se imponha o diálogo, a crítica e o esclarecimento mútuo, o companheirismo franco e leal.

Ora, foi em face dessas suces são estranhas que os

de uns e a incompreensão de ou-

tros, começaram a surgir posições públicas de forças exteriores aos

Ora, foi em face dessas sucesvas tentativas de divisão do seu
vas tentativas de divisão do seu
line são estranhas que os frabalineo são estranhas do seu similidado,
puseram claramente o problema da consagiração legal uo
principio da confecto de c

classe.
Compreendendo isto, os trabalhadores tinham o direito, e os
dirigentes sindicais tinham o dever, de reclamar que a lei negasse o pluralismo sindical —
pluralismo esse que é hoje a ,
única forma de esses adversários
da classe trabalhadora fazerem

surgir a sua contrafacção de sindicatos.

Ao fazê-lo, os trabalhadores e a sua organização sindical estão perfeitamente conscientes de que

A Unidade, estratégia do Movimento Sindical

Por isso é que o objectivo estratégico do Movimento Sindical é a unidade dos trabalhadores na luta em defesa dos seus interesses — condição indispensável para o seu triunfo.

A Unidade do Movimento Sindical Português não é apenas uma tradição. É uma necessidade histórica.

Nenhum desenvolvimento económico é possivel, nenhuma reivindicação será satisfeita, nenhum progresso social háverá, se os trabalhadores não estiverem unidos e coesos em torno dos sindicatos que os representam e na defesa dos objectivos concretos e nacioneis rue crientam a sua luta:

PELA UNIDADE DOS TRABA-LHADORES E DO POVO!

PELAS LIBERDADES, PELA DE-

MOCRACIA, PELA PAZI

PELAS TRANSFORMAÇÕES ECONÓMICAS E SOCIAIS!

PELA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE SOCIALISTAL



A Unidade Sindical é uma necessidade histórica

Na situação actual em Portugal, a unidade da classe trabalhadora impõe-se, não apenas na defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores mas também na conquista das condições mais favoráveis à satisfação tutura das sutas necessidades e interesses colectivos.

sidades e inferesses corectivos.

O processo de democratização aberto pelo Movimento das Forças Armadas permite encarar amplias perapertos. Armadas permite encarar amplias perapertos de elemocratização ao processo de elemocratização ao processo de elemocratização ao úcom a intensa participação ou com as intensa permitensa porte de elemento de intensa de complexa de elemento de complexa de complex

A defesa dos interesses dos trabalhadores, mesmo os mais imediatos, passa, nessa altura, por uma defesa política. tuta contra a exploração capita, sixa e a opresso tescista. No próprio selo dos sindicatos correitors, nas Assembleas Gerariavos, nas Assembleas Gerariavos, nas Assembleas Gerariavos da confiança da classe ou ofisio das empresas, através da constituição de comissões de unidade, os trabalhadores portugues souberam sempre desenvolver a acção sindical com um alto sentido de unidade.

Foi essa unidade que tornou possível as vitórias alcançadas contra a reacção no 28 de Setembro e no 11 de Março, nas quais os trabalhadores, através do Movimento Sindical, tiveram um papel decisivo.

Temos o direito e o dever de defender a unidade

O decurso do tempo veio a provar que os trabalhadores não podiam confiar apenas na sua vontade de unidade. Petos interesses

O NOVO SECRETARIA

ADÉRITO DO NASCIMENTO CATALÃO

 Tem 38 anos de idade
 Activista sindical, fez parte em 1964 da Comissão Pró-Sindicato que iniciou a luta para expulsar Direcção fascista primeiro e a Comissão Administrativa que a substituiu, depois.

- Fez parte da lista que concor reu às eleições para a direcção do Sindicato em 1973, lista ar bitrariamente cortada pelo regi me fascista.

-Foi eleito em 1974 para a Di-recção do Sindicato dos Rodo-víários de Lisboa.

- Milita na actividade da Intersn-dical desde 1970.

ALVARO FERNANDES RANA

 Tem 42 anos de idade.
 Activista Sindical, fez parte em 1968 duma Comissão representativa do sector de Propaganda Médica que iniciou a luta contra a Comissão Administrativa fascista que dominava o Sindicato. Na sequência desta luta registar-se-ia a expulsão da Comissão Administrativa e são, por roubo, do indivíduo

que a presidia. Fez parte em 1969 da Comis-são dos sectores socioprofissionais que apoiavam a candi-datura da CDE de Lisboa.

Fez parte do grupo de traba Iho o primeiro Contrato Colec-tivo de Trabalho do seu sector profissional.

- Foi eleito em Abril de 1972 os corpos gerentes do Sindicato onde veio a ocupar o cargo de Presidente da Direccão. cargo que manteve

depois do 25 de Abril. Fez parte, em 1972/73, do grupo de trabalhadores que desencadearam a luta na em-presa italiana LEPETIT, donde viriam a ser expulsos os directores italianos e alguns dos seus lacaios portugueses.

Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação. É membro do Secretariado da Intersindical desde a sua constiutição em 1973.

É o responsável pelo Depar-tamento de Relações Internacionais da Intersindical.

Foi eleito pelo Plenário da In-tersindical de 17 de Maio de 1975 para representar os tra-balhadores portugueses na Se-xagésima Sessão da Conferên-Internacional do Trabalho

ANGELO DE PINTO PEREIRA

Tem 33 anos de idade - Activista Sindical desde 1962

quando se integrou na luta pe formação do Sindicato de Desenhadores, o que não foi possível concretizar então devido à repressão fascista. Tomou parte em 1969 nas lu-

tas para derrubar a direcção fascista do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto. No segui-mento da vitória obtida foi eleita em Junho de 1970 a lista da confiança da classe. Foi preso pela Pide em Abril

de 1972, altura em que desem penhava o cargo de secretáda Direcção do Sindicato Foi eleito novamente em 1973 passando a desempenhar

cargo de Presidente da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, cargo que ocupa presentemente.

- Colaborou activamente n a s greves de 1973, especialmenno Norte do País.

- Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.

- Foi membro do Secretariado da Intersindical desde a sua constituição até ao 25 de Abril tendo a partir de então, con-centrado a actividade no Sin-dicato e na Federação. -Foi eleito Presidente do Con-

selho Geral da Federação dos Metalúrgicos, em cuja constituição participou.

ANTERO MARINS PINTO QUIMA-RAES

 Tem 30 anos de idade.
 Activista sindical desde 1963, ano em que começou a parti-cipar na luta por melhores condições de vida e de trabalho dos Bancários.

Participou nas lutas de 1965 para a diminuição do horário de trabalho e contra a exploração capitalista.

Participou na campanha eleitoral em 1968, para os Corpos Gerentes do Sindicato e foi posteriormente designado pela Direcção para substituir um dos elementos da lista então

cortados pelo governo fascista. Participou nas bases sociopro-fissionais da CDE em 1969. Foi eleito dirigente do Sindi-cato em Janeiro de 1971, per-manecendo em funções até Junho do mesmo ano, data em que o governo fascista impôs Comissão Administrativa uma Comissi no Sindicato.

Participou na luta contra a Co-missão Administrativa e foi novamente eleito dirigente do Sindicato em Junho de 1972. Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.

- É membro do Secretariado desde a sua constituição em 1973. - É o responsável pela coorde-

nação do Secretariado. Foi eleito para representar os trabalhadores portugueses na Conferência da O. I. T. em

ANTÓNIO DOS SANTOS ALBER-TO ANDRADE

- Tem 32 anos de idade.

- É activista sindical desde 1968 Perseguido pela Pide em teve de sair de Portugal, emi-grando para França. Militou activamnte na C.G.T.,

Militou activamnte na C.G.T., colaborando no jornal «O Trabalhador».

Regressou a Portugal depois do 25 de Abril, empregando-se em Agosto na C.P.

Foi eleito em Assembleia Geral em Setembro de 1974 membro da Direcção do Sindicato dos Ferroviários do Sul.

Foi eleito em Junho de 1975 para a Direcção do Sindicato. É membro do Secretariado da Intersindical desde Junho de

ANTÓNIO ROSAS

- Tem 36 anos de idade. - Activista síndical desde 1969, foi eleito em 1970 Secretário da Assembleia Geral do Sin-

dicato dos Lanificios.

- Foi eleito em 1974, Segundo- Secretário da Direcção do Sindicato dos Têxteis de Lisboa e
Lanificios e Vestuário do Sul.

Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.
 É membro do Secretariado da Intersindical desde 1974.

BEATRIZ SANTANA MATOS DIOGO

Tem 42 anos de idade. Participou desde 1955 nas lutas e greves desencadeadas na

empresa (Intar) - Eleita em 1970 para a Direc-ção do Sindicato, não tomou posse, por o seu nome ter sido cortado

Foi eleita em Assembleia Ge-neralizada depois do 25 de Abril para a Comissão «Ad-hoc»

do Sindicato. Foi eleita para a Direcção do Sindicato da Indústria de bacos, de que é actualmente Presidente. É delegada do Sindicato à In-

tersindical. Representou a Intersindical no



CHILINGE

Não Não È ter

mento poder constr que I dade base. «Eu riose nistro

vibran «Qu

bique

indep

mos o

por grosse

a que

nada

mais

melho

vestid

dantes

peque

pergui

balhad

ses q

no de cão?

Por

deve

qualqu

céu com

project da co

Portug

não e grama

Tudo

estão

estam

lidade

der p

precis

da re

sobre sobre

da sc «Toc

te

Isto

dado, Fyide to co

ções

ciso Ten

mos, unida

que v

meta mo a Pátria

povo.

muita

Mas

É

Era

Ora

pr

organ deven afasta que h quere «Simposium» da Mulher Traba-Ihadora da Indústria Alimentar

e Tabaqueira em Abril de 1973. Fez parte da delegação dos trabalhadores portugueses à Sexagésima Conferência da O.

CARLOS ANTÓNIO DE CARVALHO

-Tem 26 anos de idade

e do

nonu

total

com

que

pedir

ação nós

nós ão é

uma rans-outro

bens jecto numa

rigo-endo câ-lista,

19 11

enha

nuito

edifi-

s de de

po-

oder

asco

ne-

ssas

e a

sem das

ou-

 Activista sindical, também tem participado nos últimos anos em actividades culturais e po-

 Foi dirigente da Cooperativa Cultural Vis da Amadora, encer-rada em 1972 pelo ministro fascista Gonçalves Rapazote.

- Fez parte do grupo de traba-lho pró-leitoral dos Metalúroicos de Lisboa que consequiu expulsar a comsisão adminis-

trativa. — Foi membro da Comissão Exe-cutiva da C. D. E. de Lisboa em 1973/74 e da Comissão Central do Movimento Demo-

crático Português. - Foi candidato pela C. D. E. de Lisboa às «eleições» de 1973.

— Participou nas greves reivindi-cativas de Janeiro de 1974 a nível de empresa (Cometna) e a nivel de zona (Venda Nova). - Foji membro das Comissões

de Empresa, antes e depois do 25 de Abril.

- Milita na Intersindical desde 1972, altura em que represen-tava o grupo de trabalho pró--eleitoral dos Metalúrgicos.

Foi membro do Secretariado da União dos Sindicatos do Sul desde Novembro de 1974.

 É um membro do Secretariado

da Intersindical.

JAIME MARQUES MACHADO

 Tem 27 anos de idade.
 Activista sindical, foi eleito secretário da assembleia geral do Sindicato dos Gráficos de Lis-boa em Janeiro de 1975.

- É actualmente delegado do Sin digato à Intersindical

JOAQUIM MANUEL PIRES MOREIRA

- Tem 27 anos de idade.

Participa desde muito novo nas lutas de empresa (Cometna) de que era delegado sindical.

-Foi eleito, depois da luta desenvolvida para que as eleições se realizassem, para a direc-ção do Sindicato da Indústria Química de Lisboa, em 1975.

JOSÉ ANTÓNIO DE MATOS ALVES

- Tem 30 anos de idade. - Activista Sindical desde muito novo participou na condução das lutas dos trabalhadores da empresa J. Pimenta, onde tra-

balhou há 5 anos.

Fez parte da Comissão Coordenadora da empresa.

— Foi eleito para a Comissão

SUPLENTES:

ALFREDO MANUEL RODRIGUES FIGUEIREDO FILIPE

- Foi membro do Conselho Téc-nico e de Disciplina do Sindi-cato Nacional dos Jornalistas entre 1969 e 1971, que cons-tituiu a primeira lista represen-

"Ad hoc" do Sindicato em De-zembro de 1974.

Fol eleito em Janeiro de 1975 para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Constru-ção Civil do Distrito de Lisboa, onde ocupa o lugar de Presi-dante

JOSÉ LUÍS JUDAS

Tem 32 anos de idade.
 Activista Sindical desde 1970.

- Foi candidato às eleições para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório em 1972, lista que o Ministério fas-cista das Corporações impug-

Fez parte do grupo de trabalhadores que se bateu contra a direcção fascista do Sindicato, expulsa em 27 de Abril de 1974 Foi eleito para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa.

É membro do Secretariado da Intersindical desde Outubro de

É o responsável pelo jornal ALAVANCA, órgão da Intersin-

MANUEL GODINHO TAGARROSO -Tem 39 anos de idade.

 Participou desde os dezolto anos de idade nas lutas dos trabalhadores agrícolas alenteja-

nos.

Colaborou activamente na greve de 1954 por melhores salários e pela conquista das oito horas

de trabalho. -Foi nomeado pela população de Pias, onde reside, para a Co-missão Administrativa da Casa missao Administrativa da Cesa do Povo da freguesia logo a seguir ao 25 de Abril. Participou na formação do Sin-dicato dos Trabalhadores Agrí-

colas. Foi eleito Presidente da Direcção do Sindicato dos Trabalha-dores Agrícolas de Beja.

MANUEL TEIXEIRA DE FREITAS

- Tem 26 anos de idade. - Pertenceu ao MOJAF até este

ser encerrado pela Pide. Fez parte após o 25 de Abril da Comissão Directiva do Sindicato Têxtil do Porto.

É actualmente Presidente da Assembleia Geral do Sindicato. Faz parte do Secretariado da União dos Sindicatos do Porto/

MARIA FILOMENA CARVALHO SANTOS

- Tem 35 anos de idade. - Activista Sindical desde 1970, colaborou com a Direcção do Sindicato eleita para 1970/1972.

-Foi eleita para a Direcção do Sindicato dos Caixeiros de Lis-Sindicato dos Calxeiros de Lis-boa para o triénio 1973/1975.

— Faz parte da Comissão Directi-va da Federação Nacional dos Trabalhadores do Comércio.

— Milita na actividade da Intersin-dical des de 1973.

dical desde 1972. È membro do Secretariado da União dos Sindicatos do Sul.

tativa da classe eleita para o

Sindicato.

— Foi eleito para a Direcção do Sindicato dos Jornalistas em

1971, cargo que ainda ocupa. É colaborador do jornal «Ala-vanca», órgão da Intersindical.

AMÉRICO NUNES

Tem 34 anos de idade.

Foi eleito para a Comissão Directiva do Sindicato da Indúsrectiva do Sindicato da Indus-tria Hoteleira de Lisboa em 29 de Abril de 1974, altura em que foi expulsa a direcção fas-cista que aí se mantinha há 25 anos.

Poi eleito para a Direcção do Sindicato em Julho de 1974, onde desempenhou o cargo de 1.º Secretário da Direcção.

ANTÓNIO CAVACA CALARRAO

- Tem 50 anos de idade.

- Participou em 1943-44 na greve dos operários agrícolas de Alpiarça, de protesto contra a tabela salarial imposta pelo fascismo. - Foi preso pela PIDE em Maio

de 1950

- Depois de libertado, participou na organização e condução das lutas nas praças de jornas para a conquista de melhores condições de vida, aumento de salários e contra o desempredo

e a repressão.

— Preso pela PIDE em Novembro de 1961.

 Volta novamente à luta em de-fesa da sua classe depois de libertado

um membro da Comissão Directiva do Sindicato dos Ope-rários Agrícolas do Distrito de

ARMANDO ARTUR TEIXEIRA DA SILVA

- Tem 31 anos de idade. - Activista Sindical desde 1971,

participou na luta dos trabalha-dores do distrito do Porto. Foi eleito, depois do 25 de Abril, para a Comissão Direc-tiva do Sindicato.

 Foi eleito em Janeiro de 1975 para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Porto, sendo actualmente Presidente.

membro do Secretariado da União dos Sindicatos do Porto.

CARLOS MANUEL LOURENCO DIAS

Tem 33 anos de idade.
 Activista sindicat, foi eleito em 1972 para o cargo de Presidente da Mesa da Assembleia

Geral do Sindicato dos Ban-cários de Coimbra, cargo que ainda ocupa.

ainda ocupa. É delegado do Sindicato da União dos Sindicatos de Coim-bra/Intersindical desde a sua constituição após o 25 de Abril.

Foi eleito em Plenário desta União em Janeiro de 1975 para a Comissão de Gestão do INAa Comissão de C TEL em Coimbra.

ALVARO ANTÓNIO BRANCO

- Tem 36 anos de idade. - Participou desde muito novo nas lutas desenvolvidas na em presa (Metalúrgica Duarte Fer-

Foi eleito em 1972 para a Direcção do Sindicato dos Meta-lúrgicos de Santarém, onde ocupou o cargo de Presidente.

Foi designado Presidente da Federação Nacional dos Sindi-catos Metalúrgicos em 1973, cargo que ainda ocupa.

Foi reeleito para a Direcção do seu Sindicato.

seu Sindicato.
— Párticipou na 7.ª Conferência Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, que teve lugar em Vichy em 1974.

JOÃO MARIA PACHECO GONCALVES

Tem 39 anos de idade. Activista sindical desde 1968

 Foi eleito em 1972 para a Di-recção do núcleo do Sindicato dos Escritórios do Porto da Indústria Metalúrgica

Foi eleito para a Comissão Directiva logo a seguir ao 25 de de Abril.

Foi eleito para a Direcção do Sindicato de Escritórios do Porto em Julho de 1974, de que é actualmente Presidente.

membro do Secretariado da União dos Sindicatos do Porto, onde exerce actualmente a fun-

ção de coordenador. É membro do Secretariado da Intersindical desde 1974

JUVELINO FERREIRA COLACO

Tem 36 anos de idade.
 Foi eleito dirigente do Sindicato dos Vidreiros da Marinha

Grande em 1971. — Participou em todas as lutas dos operários vidreiros da Ma-

rinha Grande, antes e depois do 25 de Abril. — Fez parte do Comité de Greve da Marinha Grande em Marco

de 1974. - Milita na actividade da Intersindical desde 1971.

MARIA CLARA BOTELHO CAR-REIRO DA COSTA

-Tem 31 anos de idade

Foi eleita para a direcção do Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul em Julho de 1974. É delegada do Sindicato à Intersindical.

VIRIATO MANUEL PARDAL RA-

- Do Sindicato dos Operários Mineiros dos Distritos de Beja e Setúbal.

«O Movimento Sindical e a Unidade do

Processo Revolucionário Português.»

Autor: ALBANO LIMA EDITORIAL AVANTE

«O PCP e a Luta Sindical.» EDITORIAL AVANTE

DIRIGENTES SINDICAIS LAM SOBRE O CONGRESS

DIRIGENTES SINDICAIS, PRESENTES NO I CONGRESSO DOS SIN-DICATOS, FALAM DA MANEIRA COMO ELE DECORREU, RESULTADOS OBTIDOS E QUAL A SUA IMPORTANCIA PARA A CONJUNTURA ECO-NÓMICO-POLÍTICA

Beatriz Santana, eleita para o Secretariado da Intersindi-

cal, afirmou ainda que o Con-gresso decorreu da melhor maneira «conseguindo u m a

unificação das massas traba-lhadoras. Quanto ao projecto.

aprovado neste Congresso,

pols, ele será a prova funda-mental de que a Intersindical

lhadores - se encontra no

caminho certo da defesa dos

interesses dos trabalhadores

Lembrando ainda o Ano In-ernacional da Mulher, Beatriz

portuguese

Central Única dos Traba-

(Antero Martins; Manuel Freitas; Angelo Ferreira; Manuel Tagar-rosp; Francisco George; Jaime Machado; Beatriz Santana)



«Considero que, no actual momento histórico, certos sectores da pequena e média burguesia, devem ser atraí-dos à revolução socialista. Vistas as coisas por este prisma, não podiamos delxar de participar activamente no Congresso.

Apesar de conhecermos certos sectores reaccionários no sejo dos médicos, por vezes até bastante activos, estamos convencidos que as forças do progresso serão capazes de fazer face a qualquer eventual tentativa fascistipo Chile.»

Falando do «documento de orientação e acção para um Portugal Novo», o camarada George exprimiu a sua convicção de que ele «representa um dos mais importantes trabalhos, deste tipo, realizado no nosso país. Os traba-hadores unidos, saberão cer-tamente lutar pela sua redu-ção à prática, de forma a caminharmos para a futura e próxima sociedade democrática, rumo ao socialismo.

Apesar das tentativas de boicote - disse ainda aquele dirigente do Sindicato Médicos — por parte de ou-tros sectores sociais democratas, a unidade de todos os trabalhadores, aqui manifes-tada, é sem dúvida, a mais importante vitória dos sindicatos portugueses».

JAIME MACHADO

Sindicato dos Profissionais de Artes Gráficas do Sul

Jaime Machado, constatando as possibilidades que o 25 de Abril trouxe aos trabalhadores portugueses, de se organizarem sindicalmente, denunciou também as carências do nosso aparelho sindical, concluindo que era urgente «clarificar uma linha de acção s'ndical capaz de correspon-der aos interesses dos trabalhadores e ao actual processo

Referindo-se particularmente ao Congresso, aquele sin-dicalista afirmou que «estão a ser aprovadas várias teses que considero de importância vital para a organização sin-dical, para o desenvolvimento económico e político do País, para a participação dos trabalhadores no proceso revolu cionário e para a consolida



ção do socialismo. Neste Congresso aponta-se ainda para a necessidade de a curto ou médio prazo dar resolução aos problemas que afectam mais directamente as classes trabalhadoras, nomeadamente o emprego, salários, habita-ção, previdência, saúde, e.c.».

Jaime Machado, dirigente sindical, terminou por dizer que este Congresso poderá influir decisivamente na conjuntura económico-social se houver «uma cada vez maior participação dos trabalhado-res na vida sindical».

REATRIZ SANTANA

Sindicato dos Operários e Empregados da Indústria de Tabacos do Distrito de Lis-

«Penso que o Congresso se reveste de uma importância extraordinária, se constatarmos que os trabalhadores de alguns sectores estavam efectivamente d'vididos. Ele apareceu na melhor altura e neste momento é uma realidade, mesmo para aqueles que queriam de alguma ma-neira protelar a organização dos trabalhadores.»



dação feita ao Congresso, por trabalhadoras presentes, so-bre a «necessidade de criar, ao nível da Intersindical, um gabinete técnico para a defe-sa dos d'reitos das mulheres ntro da sociedade que estamos a construin

ANGELO EERREIRA

Sindicato dos Metalúrgicos do Porto

«Não será a melhor altura para a realização deste Congresso, no entanto, havia toda a necessidade de o fazer De-



via, quanto a mim, ter sido realizado logo após o 25 de Abril, para definir linhas de actuação que norteassem a vida sindical. Este documento de acção, hoje aprovado, fazia realmente falta».

O camarada Ferreira refe-

riu-se depois à importância da eleição do Secretariado. feita no Congresso, por duas questões fundamentais: Uma, pelo facto deste Secretariado ter sido atacado, embora in-justamente, de ilegal, («Nós sabemos que o critério que presidia à eleição dos mesmos t'nha sido adoptado na clandestinidade, tendo vigorado até este momento, em que se propôs ao Congresso uma lista nominal.») Outra pelo facto de ser este Secretariado o responsável pela mobilização dos trabalhadores para pôr em prática o projecto do Congresso.

Focando ·a actualidade do documento «guia» — o camarada dos Metalúrgicos do Por-to disse: «O documento é actual. Poderá haver necessidade de a curto ou médio prazo, rectificá-lo, mas de momento ele corresponde às solicitações dos trabalhado-res e será uma grande ajuda

ao processo revolucionário.» Angelo Ferreira considera este Congresso «Para primeiro Congresso, de-pois de os trabalhadores terem sido afastados, por tantos anos, das suas organizacões, eu penso que ele foi um êxito. Decorreu da melhor houve um amplo debate e foram tomadas medidas revolucionárias que congregarão o esforço de milha res de trabalhadores.»

MANUEL TAGARROSO

Sindicato Agricola de Beja

«O Congresso fol, quanto a mim, muito importante por-que permitiu o diálogo e convívio entre pessoas que mai se conheciam, bem como reforco do poder dos sindica-Levamos connosco um projecto capaz, tanto mais que foi alvo de uma ampía discussão por parte de todos os congressistas. Exigirá muito esforço para ser posto em prática, mas é evidente que a maioria está empenhada nesse sentido,»

camarada Tagarroso refe (Continue na página 21)

riu-se então à parte da Refor-ma agrária, preconizada por este documento, dizendo que «estão lá apontadas importantes e revolucionárias medi-



das para tornar a nossa agricultura num verdadeiro projecto socialista. A reforma agrária — concluiu o dirigen-te do Sindicato Agrícola de não diz respeito só aos trabalhadores agrícolas, mas a todes nós, pois a revolução pode falhar, se falhar a reforma agrária. Estamos num País que é sobretudo agricolan:

MANUEL FREITAS

Sindicato dos Trabalhadores Têxteis dos Distritos do Porto e Aveiro

«Para nós, o Congresso constituiu-se na ajuda decisiva para orientar a reestruturação de todo o sector, no sentido de fazer a fusão dos texteis, vestuário, lanifícios, cordoeiros e tapeteiros, o que corresponde à formação de um Sindicato de cerca de 150 000 trabalhadores. Avançaremos imediatamente para esta fusão, em vista da qual, aínda esta semana, reuniremos os vários dirigentes do

Manuel Freitas salientou também «o controlo da produção» como um ponto fundamental para «ultrapassar as debilidades que se registam no aparelho de Estado, a nível do Fundo de Fomento de Exportação. É o caso de o nosso país ter sido visitado por uma delegação da R.D.A. com o fim de comprarem no sector têxtil, delegação essa que voltou praticamente de mãos vazias, pois, orientada pelo referido organismo, visitou empresas que não estão em crise, desconhecendo outras que se encontram em grandes dificuldades. O Sindicato não foi consultadol

O controlo torna-se importante na medida em que caberá aos delegados sindicais e comissão de trabalhadores controlar tanto interna como externamente as actividades

do sector». O camarada Freitas terminou por salientar que «a uni-dade conseguida entre todos os sindicatos é fundamental para podermos vencer todas as crises por que passa um processo revolucionário como

ANTERO MARTINS

Membro do Secretariado da Intersindical





«As perspectivas do Secretariado quanto à real zação do Congresso eram francamente boas. Por sua vez a discussão do documento-guia não seria motivo para divisionismos porque a major parte dos textos tinha sofrido já a discussão das bases. Quando os próprios trabalhadores e dirigentes dos sindicatos dis-cutem, como trabalhadores que são, defendem normalmente os mesmos objectivos. Não era em vão que assim pensávamos, pois todos os congressistas confirmam isto

Disse ainda o camarada do Secretariado da Intersindical: «Houve discussão, apresenta-ram-se pontos de vista diferentes, surgiram teses tante ricas sobre os problemas que nos afectam e maneira de os resolver, em defesa do processo revolucioná-

Fundamentalmente, discutimos formas de concretização do controlo operário, lança-mento da reforma agrária, controlo da economia e formas de participação nesse contro-Apontaram-se linhas de actuação para os vários sectores de actividade, recorren-do-se ao trabalho de secções, para a discusão na especialidade do documento do Secretariado. Nessa discussão participaram todos os trabalhadores inscritos no Con-

Antero Guimarães faz parte do novo Secretariado da te do novo Secretariado da Intersindical. Ele viveu profundamente cada passo do Congresso. «Penso que o Congresso vem reforçar a unidade de classe dos tra-balhadores portugueses. Ficou demonstrado que os tra-culturas como impres de balhadores, como irmãos de classe, estão de facto unidos; os que ainda não compreenderam a necessidade da unidade, virão a senti-la e deixarão de dar ouvidos a quem não defende os seus interes-ses, mas sim dos monopó-lios e imperialismo internacio-

Como conclusão, a partir de hoje o Pais fica mais rico com a un dade conseguida neste Congresso. A organização das massas trabalhadoras portuguesas está definitiva-mente lançada e orientada para a construção da socieda-

SAUDAÇÕES DE PARTIDOS F ORGANIZAÇÕES PROGRESSISTAS

Foram várias as saudações re-cebidas pelos congressistas presentes no Congresso Nacional de Sindicatos, o primeiro após meio século de ditadura fascista.

Eis os textos que algumas orga nizações e partidos progressistas enviaram aos sindicalistas:

Movimento Democrático Portuauês:

«O Movimento Demogrático Português saúda o Congresso dos Sindicatos Portugueses, salientando a importância dos seus traba-lhos que certamente constituirão uma grande afirmação da cons-ciência patriótica e revolucionária dos trabalhadores portugueses e da sua firme disposição de de fender a Revolução e impulsionar o seu avanço contra todas as ma-nobras reaccionárias. Viva a Unidade dos Trabalhadores! Viva o Congresso dos Sindicatos Portu-

Movimento Democrático das Mu-Iheres Portuguesas do Distrito de Settibal:

«Neste primeiro Congresso dos Sindicatos o M.D.M. saúda fraternalmente os trabalhadores que nele participam através dos seus sindicatos.

O M.D.M. do Distrito de Setúbal, reunido em 26/7/75 reitera o seu apoio à Intersindical e apela para o reforço da Unidade do movimento operário português, condi-cão essencial para a construção

No momento em que está empenhado na batalha da produção, lembramos aos congresistas a necessidade e urgência da abolição das leis fascistas, substituindo-as por outras que, cumpri-das, dêm a possibilidade e oportunidade a que a mulher participe activamente na reconstrução deste País que é de todos e para todos

Como prioritário consideramos

- a trabalho igual correspon-da salário igual;
- jardins de infância e creches com horários compativeis ao período de trabalho
 e à possibilidade de a mulher se cultivar e participar na vida política;
- melhoramento das condições de trabalho durante a gravi-dez, sem perda de regalias e direitos:
- protecção à maternidade e à infância. Nenhum país será livre se a mulher não o for também. Unidade da acção a força dos trabalhadores».

Movimento de Esquerda Socia-

«Movimento de Esquerda Socialista — M.E.S. — saúda os camaradas trabalhadores presentes no I Congresso dos Sindicatos, convicto de que a la la constitución de que a la constit convicto de que a luta pela construção da sociedade socialista em Portugal passa, neste momento, pela unidade do combate em torno da consolidação do poder poe da institucionalização do ver-dadeiro controlo operário sobre a produção e distribuição.

Face à vergonhosa escalada da reacção, que procura recuperar o terreno perdido, destruindo as conquistas alcançadas nos duros combates da classe operária, atiada aos progressistas e revolucio-nários do M.F.A., o M.E.S. defende que só um governo revo-lucionário, apoiado num programa de transição para o socialis-mo e numa frente unitária popular, poderá fazer avançar irreversivelmente o processo no caminho do socialismo. Pela democracia do socialismo. Pela democracia interna nos sindicatos! Unidade proletária para a vitória da classe operária! Avante pelo poder popular! Viva o socialismo!»

Frente Socialista Popular

«Frente Socialista Popular saúda representantes trabalhadores reunidos Congresso Sindicatos na unidade classe trabalhadora reforço aliança com partidos penhados Revolução e com M.F.A. pela construção sociedade sem classes. Pelo poder dos trabalha-dores. Frente Socialista Popular.»

Partido Comunista Português:

«O Partido Comunista Português envia saudações cordiais ao Con-gresso dos Sindicatos, e faz sinceros votos pelo pleno éxito dos seus trabalhos. O P.C.P. saúda, também, fraternalmente, todos os congressistas e todos aqueles que por qualquer forma participam no Congresso, e, através deles, todos os trabalhadores portugue-

Após 48 anos de ditadura fas oista, em que todas as liberdainclusive a liberdade sindides. cal, foram totalmente suprimidas, e as massas trabalhadoras subme tidas à mais desenfreada ração canitalista os trabalhadores portugueses têm agora a possibilidade de se reunirem num congresso sindical e discutir fivremente os seus problemas através dos seus legítimos represen-

Tal possibilidade deve-se à longa luta da classe operária e das massas trabalhadoras, à tonga luta dos antifascistas e democratas portugueses contra a opressão e a exploração, pela liberdade e a independência nacional. possibilidade deve-se, também, à solidariedade internacional de que o povo português sempre bene-ficiou na sua luta contra o fascismo. Tal possibilidade deve-se, finalmente, e de modo decisivo, à acção revolucionária dos capi-tães do 25 de Abril, acção que teve a colaboração activa do nosso povo.

A história da Intersindical, que agora promove o I Congresso Sindical dos últimos 50 anos, está intimamente ligada à história da sitimamente ligada à história da luta dos trabalhadores portugue ses contra o fascismo. Nascida há quase 5 anos, numa fase de intensa agudização da luta antifascista, ela é o produto da re-

MENSAGENS DE ORGANIZAÇÕES PROGRESSISTAS

(Continuação da pág. 21)

sistência heroica das massas trabalhadoras ao fascismo e ao patronato e do seu combate contra a exploração e pela liberdade

Depois do 25 de Abril, a Internidical, os sindicatos filiados, e os trabalhadores sindicalizados, desempenharam um papel do mais alto valor na delesa e consolidação das liberdades no melhoramento das concilidas de vida dos trabalhadores, no desenvolvimento do processo revolucionário na elaboração e realização de eformas econômicas e sociais, abrin-

do caminho para o socialismo.

O Partido Comunista Portugués, que sempre lutou incanavelmente pola reconquista das liberdades, e sempre esteve à frente das lutas da classe operánie a dos outros de la comunidad de la constutação de la construção de la construção

No momento em que, tarefas imensas se póem aos trabalhadores portugueses no quadro de procesos revolucionários mor procesos revolucionários mor procesos revolución de la compositio de la compos

Aos Sindicatos, às Uniões e à Intersindical cabe papel determi-nante na defesa dos interesses dos trabalhadores (imediatos e mediatos), os quais têm de enqua-drar-se na defesa do próprio pro-cesso revolucionário. Os interesses dos trabalhadores defendem -se lutando pela satisfação das suas justas reivindicações, e defendem-se agindo para que sejam salvaguardadas e consolidadas as conquistas que se vão alcançan-do. As associações sindicais, como organizações unitárias dos tra-balhadores, in de pendentes dos balhadores, partidos políticos, do Governo e do patronato, independência que lhe é garantida pela unicidade, também, em cooperação com as forças políticas revolucio-nárias, agir decididamente, como aliás, o têm feito, no combate às forças reaccionárias e à contra-revolução sempre que esta amea ça etacar.

Este primeiro Congresso dos Sindicatos realiza-se num comple-xo momento da Revolução portuguesa. A reacção lança uma targa ofensiva contra as forças progressistas, contra as organizações independentes e livres dos traba-Ihadores. Soprada por oportunis tas, a contra-revolução, incidando centros de trabalho incen partidos progressistas e de orga-nizações sindicais, expulsando de fábricas e empresas delegados sindicais e militantes operários. meça a mostrar a verdadeira face. Tal como no 28 de Setembro e 11 de Março, os trabalhadores unidos e confiantes fazem firme-mente face à reacção, como o mostraram novamente no 19 de

A rescoto file passou, e não pessará. Os trabalhadores operatores o retabilhadores ou provincia esta aliança com o M.F.A. assetuta aliança com o M.F.A. assetuta aliança com o M.F.A. assetuta aliança com o M.F.A. assetutada a provincia de p

União da Juventude Comunista:

«A União da Juventude Comnista audido o primeiro Congresos Sindical promovido pelo Secreteriado Nacional da Intersindical. Dirige a todos os seus participamtes, e por seu intermédio à classe operária, aos trabalhadores a a juventude associada em seus respectivos sindicatos, as saudaches revolucionárias e fratemais dos jovens trabalhadores comunistas.

Esperamos que este voseo congresos seja mais um valloso contributo para a unidade e fortalecimento de movimento sindical portuguels. Um incomitivo para o cio unitária des massas laboriosas, na constante defesa dos incio unitária des massas laboriosas, na constante defesa dos incesos de divisionismo, na consodio a divisionismo, na consotica de la comita de la concio de la divisionismo, na consomodulares em estrella allança como Movimento das Porças Armadas e todas as restantes forcas políticas revolucionárias e progresistas, na unidade e mobilização de todos os trabalhadores para refas da edificação do Portugal democrático e socialistas.

A Unido da Juventude Comunista, defensora intransigente da unidade e independência do movimento sindical, e consciente de ser esta a girecciso política e ser esta a girecciso política e a todo- o Congresso a importância fundamental que tem o enquadramento da juventude trabalitados a porticipada no trabalho sindical, porticipada por trabalho sindical, porticipada por trabalho sindical, esta participada no trabalho sindical, esta participada no trabalho sindical, esta porticipada de considerados de capacidade de considerados de capacidades de

A juventude de hoje são os homens de amanha. Ganhar hoje

a juventude a etrafia ha suas aspociações de disas é asbérmos citadar associações de disas é asbérmos traçar hoje as perspectivas políticas de um poderoso mévimento síndical, que jamisis devia pór en causa de clasas operária e das massas atabalhadoras, condição necesaria à concretização dos objectivos da nosas revolução. O fim de exploração do homem país obtigos de políticas de consentadas de concretização dos objectivos da nosas revolução. O fim de exploração do homem país obtigos de sobrigos de consentadas do consentadas de produção. O socialismos do consentada do consentada de produção. O socialismos

União dos Estudantes Comu-

-União Estudantes Comunistas saúda calordesmente primeiro Congresso S In di catos Portugueses.
Certa interpretar sentimento suducintes progressionas.
Un aprovincia de la constanta de la conmarco reforço unidade trabalhadores contra capital, steréas construção socialismo nosas Pátria.
Vira unidade estudantes povo trabalhador. Viva interáncial Nació.

al. Saudações revolucionárias.

Pró-União Nacional dos Estudantes Portugueses:

Ao sauder-vos, desejamos reiterar a nossa solidariedade combativa e vigilante na perspectiva do reforço da unidade de acção, por várias vezes expressa em multiplas iniciativas, entre estudantes, jovens e trabalhadores, civis e fardados, para tornar irreversível a marcha revolucionária da conquista do socialismo.

Unidos e organizatios ras suas sectios, felia às tradiciose de luta antifacista, anticolonidista e anti-imperialista, estamos certos de que os estudantes portiquieses, sorquedos nas sues astraces certos de que os estudantes portiquieses, sorquedos nas sues astraces portiquieses, sorquedos nas construção de avançar na construção de avançar na construção de sua portiquia de la construção de um portuga de la construção de um Portugal Lure, Democrático e Independente.

de re

Por laso, uso desejamos os mais amnols sucessos nos trabalhos do voso Congresso, cardo de que ele constitui uma afirma que inequívoca de unidade e capacidade dos trabalhadores portuguese, em empreender e tomat mas máos a construção da nova sociedade portuguesa, liberta de exploração do homem pot do mem, próspera e feliz. Saudações respulcionárias.

Além destas organizações, enviaram, ainde, saudações a Direcção das Associações de Estudantes da Faculdade de Medicina a do Instituto Superior, de Engenharia de Lisboa e a Direcção-Geral da Associação Agadémica de Colimbra.

SAUDAÇÃO DO INATEL

Também o INATEL (ex-FNAT) enviou uma comunicação ao Congresso Nacional dos Sindicatos Portugueses. É do seguinte teor

Portugueses. E ou Seguime on a comunicação enviada:

«O INATEL — Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores — é hoje já um organismo gerido, quase exclusivamente, por representantes dos Sindicatos, ou seja, dos trabalhadores. A sua reestruturação prevé uma

A sua reestruturação preve una participação total dos trábalhadores através da Intersindical — Central única que legitimamente os representa —, que deverão orientar e participar na gestão do Instituto que exclusivamente lhes

A noção dos tempos livres dos trabalhadores andou, entre nós, durante anos completamente deturpada. Pensava-se tempos livres exclusivamente em termos de excursões, acampamentos e colónias de férias. A cultura entrava como uma espécie de dádiva. Hoje vemos os tempos livres dos trabalhadores preenchidos de

Hoje vemos os tempos livres dos trabalhadores preenchidos de outra forma: férias e promoção cultural, desportiva, social e política.

A coesão dos trabalhadores e a sua unidade serão a melhor garantia de alcançarmos um Verdadeiro Socialismo.

E trabalhadores conscientes cultural e politicamente não mais se deixarão manobrar por divisionistas que buscam a todo o custo sustar o processo revolu-

O Instituto dos trabalhadores saúda calorosamente os Sindicatos reunidos num Congresso que será, seguramente, a consagração da unidade da classe operária.

A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO É UM FACTOR DE UNIDADE DOS TRABALHADORES

Do discurso proferido pelo primeiro - tenente Miguel Ju-das, membro do Conselho da Revolução e representante do Presidente da República, ge-neral Costa Gomes, no 1.º Congresso dos Sindicatos, realizado durante o passado fim de semana, em Lisboa. teve como pontos principais, por um lado a caracterização da natureza da luta pelo poder político, entre a burguesia e as classes trabalhadoras, luta essa que requer, para que triunfe, e com ela a Revolução, esforços e sacrifícios por parte do povo; por outro lado e considerando o Movi-mento Sindical Português um dos mais fortes componentes do Movimento Popular de Massas em Portugal, chamou a atenção para a necessidade de união de todos os traba-Ihadores, tendo em prosseguimento da luta con-tra os seus inimigos de classe, isto é, os capitalistas.

Dada a importância de que se reveste no momento político actual a realização deste Congresso, o «Alavanca» formulou algumas perguntas ao primeiro-tenente Judas:

«A.» — Como elemento do Conselho da Revolução, o que representa, neste momento, na actual situação política, a realização do Congresso

dos Sindicatos ? "1 o ten Judas" - O Congresso dos Sindicatos reveste-se da mais alta importan-cia, na medida em que, um dos factores fundamentais, uma das características fundamentais, do momento presente, é o assalto da burguesia no sentido de tentar reconquistar, totalmente, o poder político. Tem-se servido nessa sua operação, que tem motivado todo este trabalho de movimentação de massas, que, continuamente, temos assistido, da falta de esclare-cimento dos trabalhadores, e através de uma acção de divisão ou de confusão ideológica, tem procurado lançar, a todo o custo, a divisão no sejo dos trabalhadores.

A realização do Congresso, nestas circunstâncias, deverá ser um factor de unidade dos trabalhadores, a contrariar essa tentativa desesporada da burguesia, de reconquistar o poder político de la constanta de

versas forças sociais.

Não é um poder político
dos trabalhadores, apesar de,
em boa parte, estar ao servico deles; é um poder político
repartido e, como dizia, o futuro do nosso país e o natu-

ral desenvolvimento da nossa revolução, não poderá ser, nem será, certamente, a reconquista do poder político pela burguesia, mas sim a conquista gradual, de cada vez maior parte desse poder, pelas classes trabalhadras

REFORÇO DA UNIDADE ATRAVÉS DO MOVIMENTO SINDICAL

Nesse sentido, a realização Congresso é um factor fundamental, para o reforço da unidade das classes tra-balhadoras, unidade essa, não só nos organismos de classe a nivel de local de trabalho mas a nível de movimento sindical, no seu conjunto, tendo em vista a destruição do aparelho de Estado fasoista e a destruição das relações de produção capitalistas, a nível das empresas, criando, por-tanto, um novo aparelho de Estado e todo um novo mecanismo institucional ao servico da Revolução, no campo da revolução económica e, tam-bém, no sentido do melhor esclarecimento dos trabalha-dores: a parte da revolução cultural, se lhe pudermos chamar assim.

O movimento andical sairá, com carteza, reforsado deste Congresso, sairá com um plano de acção, com uma linha de acção unitária que, a ser posta em prática, levará os trabalhadores ao reforco de insimos de clases, tendo em vista o controlo e a conquista do poder económico para os trabalhadores, e a transformação do actual aparelho de 5-a controlo e a conquista do actual aparelho de 5-a con en considerado de considerado de

Irá ser um instrumento de melhor esclarecimento dos trabalhadores de todo o Pale, com vista à sua libertação das influências do caciquismo e de todas as forças sociais obscurantistas que procuram, mento da (aporaficia de alguns dos sectores da nosas população, servir-se deles para os lançar contra a Revolução.

É, portanto, um factor fundamental a realização do Congresso e estamos certos de que vai ser um êxito e um grande contributo para a Revolução.

«A.» — Em seu entender, quais deverão ser as grandes inhas, para que direcções deverá apontar a organização dos trabalhadores, como tal, e, também, quais as grandes vias de intervenção que gostaria que o Congresso pudese a pontar aos trabalhadores, e quais as batalhae funderes de consensos por c

mentais da acção dos trabalhadores na transformação da sociedade portuguesa?

sociedade portuguesa 7

"1," eta, Judas" — No momento presente, a batalha
da conomia. Sem nós desenvolvermos um grande estorço no
sentido de recuperarmos o
nosso sistema económico, a
revolução estará sempre em
perigo: a burguesia sabe isso,
sa forças da reacção sabem

Nos, desde o 11 de Março, com a constitução de um novo poder político, de um novo Governo, de novos 60 de novo Governo, de novos 60 de nov

Não foi isso que aconteceu A luta de classes aguidzou-se, forças políticas, que
estávamos convencidos estariam, totalmente, do lado da
revolucido e realmente enpecialismo, mantiveram, ou proccuparam-se, fundamentalmente, em manter agitada a luta
no campo político, a tentar
deslocar a parte que correspondia ao poder dos trabalhadores, nesse poder político, e
a recuparido, todo para o
e a recuparido, todo para o
e a recuparido, todo para o

Dar maior capacidade à classe trabalhadora para controlar o poder económico

Daí que, desde o 11 de Março, até hoje, o M. F. A. se tenha empenhado nisso e outras forças políticas e organizações sociais se tenham empenhado em lancar e orientar os trabalhadores na batalha da produção, fazendo apoiar o aparecimento e o desenvolvimento das suas ganizações de classe. comissões de trabalhadores, do movimento sindical, formas cooperação entre essas organizações de traba-lhadores, no sentido de dar capacidade à classe trabalhadora, para conquistar e controlar o poder económico, e houve forças que ten-taram sabotar, por diversos

meios, essa acção.
Nós fizemos as nacionalizações e então começou a dizer-se aos trabalhadores que as nacionalizações só lam dar num capitalismo de Estado, no se tentando explicar que história é essa do capitalis-

mo de Estado e qual a natureza do Estado. Depois comecu a dizer-se ao trabalhadores, batalha da produção para quê? Serve para os capitalistas, serve para os trabalhadores, e não só isso se disse.

disse. Por diversas acções, por conflitos de carácter ideológico, pseudo-ideológicos, que muitas vezes as próprias massas anida não entendem numa alture destas; outras vezes, usando de toda a demagogia, tentou-se manter a luta acesa no campo pólitico e lançar cisões no seio dos

trabalhadores Ora, na luta pelo socialisse nós não mantivermos as classes trabalhadoras unidas, a força revolucionária fi-cará muito diminuída e, assim, só muto mais tarde poderemos deslocar a burguesia dos seus postos de comando. obviamente, Portanto, forcas estavam a actuar no sentido contra-revolucionário, mantendo a luta acesa no campo político e não orientando todos os esforços dos tra-balhadores portugueses e de todas as forças para o campo

da batalha económica. É a isso que nos temos assistido até hois.

sistido até hoje.

A bataha aconómoa não está vencida, longe disso. Já se passaram mais dois meses, sem que grandes medidas fossen tomadas ao nivel do próprio poder político, isto motivado por uma certa inde-de como constituido por uma certa inde-de como constituido por mais considerado de la Antivel do próprio poder político houve indecidas no lançar para a frente medidas revolucionárias.

restrucionarias, portanto no estar de campo económico, o "problema agravouse e a nosa revolução poderá correr perigo, a curto prazo, sa nde não conseguirmos, de cuma vez por todas, resolvet nos órgãos de comando de actual aparelho de Estado, seja a nivel do Conselho da Revolução, ou seja a nivel do Corseno, as forças que realamente estejam mente estejam actual mente estejam solvendo, deste modo definitivamente, o problema político de direcção política.

de direcça política.
Então poderemos mobilizar a acção de todos os trabalhadores para a batalha da economia. Uma das tarefas fundamentais do Congresso de hoje será, dar a continuato de contrata de la contrata del contrata del contrata de la contrata del contrata de la contrata del contrata de la con

COSTA MARTINS AD ((ALAVANCA)) UE ALTURA DE COMECAR A CONSTRUIR E DE PARAR COM A DESTRUIÇÃO»

O titular da pasta do Ministério do Trabalho - Mai. Costa Martins, esteve presente na sessão de abertura dos traba-Ihos do I Congresso dos Sindicatos.

«Alavanca» aproveitou a ocasião para ouvir o ministro do Trabalho sobre a realização deste I Congresso e importância da participação dos sindicatos na orientação das massas trabalhadoras para a construção de um Portugal Novo

-A.» — Na qualidade de ministro do Trabalho, e tendo em consideração que este Congresso se destinará, em parte, a estabelecer uma linha de orientação dos trabalhadores na re construção de um Portugal rumo ao socialismo, quais as tare-fas fundamentais dessa reconstrução, sob o ponto de vista do Ministério do Trabalho se impõe que sejam seguidas pelos trabalhadores portugueses?

C.M. — Consideramos que os trabalhadores têm um papel muito importante a desempenhar, neste momento, e só poderão muito importante a desempenhar, neste momento, e so poderao desempenhar esse papel taravés de uma organização conve-niente. Fundamentalmente esse papel baseia-se na reconstru-ção da economia nacional. A economia depende, fundamental-mente, do fruto do esforço dos trabalhadores. Há que ver quals são neste momento as vortadeiras possibilidades do País, há sau neste moliterior as verinduendas possilinicades do País, in a que conter deleminadas revindicações irrealistas; por outro lado, há que elevar salários, que se apresentam bastante injus-tos e comigir determinadas distorções existentes a nivel salarial e mesmo de regalias dos trabalhadores. Isso só se pode pro-cessar attavés de uma verdadeira consciencialização dos tra-cessar attavés de uma verdadeira consciencialização dos trabalhadores e de uma forma organizada, tendo em atenção, fun-damentalmente, as necessidades primárias e principais dos tradamentalmente, as necessidades primárias e principais dos tra-balhadores mais desfavorecitos, devendo aqueles que têm uma condição de vida razcável e aceitável abdicar de regalias que utrapassam um determinado límite, que não se ajuste, neste utrapassam um determinado límite, que não se ajuste, neste deverão ser tomadas determinadas medidas moralizadoras, no sentido de podermos ir buser à aqueles moralizadoras, no sentido de podermos ir buser à aqueles moralizadoras, no prios trabalhadores deve haver essa consciência de justica que mais de 50 % dos trabalhadores têm salários muito prá-vimos do saláro mínimo nacional, e que há outros individuos a ganhar 12, 15 e 18, 20 contos e mais, há que ter em atenção essas disorcées, não permindo que elas aumentem, e pro-dades responsáveis terão que orientar a sua actuação no sen-tido de uma verdaderia justica social. tido de uma verdadeira justiça social.

- A realização deste Congresso poderá efectivamente abrir novas perspectivas aos trabalhadores, para além das rel-vindicações salariais dando-lhe a consciência de que se está a construir uma sociedade, em que os interesses dos trabalha-dores serão os fundamentais, determinando assim a adopção de novos métodos de luta, no sentido do controlo da produção, da planificação da própria produção e da produção de acordo com as necessidades.

C.M. — Bem, eu julgo que desde que haja uma clarificação do poder político, e que esse poder político esteja nas mãos de pessoas dispostas a construir verdadeiramente o socialismo, de pessoas disposas a construir verdaderramente o socialismo, no ha razão para lutas entre os trabalhadores e esse meamo na habitativa de medida em que ambos estão interessados na conceita de medida em que ambos estão interessados está a luta do desenvolvimento, da batalha da produção, do aumento da rendibilidade da nossa economia, uma reestruturação conveniente da mesma para que se possa elevar o nivel de vida médio do povo português, Julgo que é muito importante a accida dos trabalhadores, mas tambem se deverá ter em conta o apoio social à revolução, porque efectivamente em conta o apoio social à revolução, porque efectivamente mesmo de contra de accida de contra de toju la mesmo muitos trabalhadores que sao simultaneamente pequenos proprietários e pequenos comerciantes, mas nem por isso deixam de ser trabalhadores, não deixam de trabalhar as vizos mais que certos indivíduos que são exclusivamente só trabalhadores. Há assim o problema de ver como é distribuida a mais valia, para onde é que ela val, quem é que val beneficiar.

a mais varia, para onde e que era vai, querir e que vai obteniorar, como é que é feita essa repartição.
Aquele extracto da população mais activa da revolução, deverá ter em consideração a base social de apoio a essa mesma revolução e a aliança precisamente com todas essas

camadas sociale dos pequenos comerciantes e pequenos prietários, a quem a revolución também vas sentre. E presios uma consciencialização de todas essas pessoas e un verdadeiro empenhamento no processo revolucionário, na reconstrução de uma nova vida em Portugal. Dal que eu considere muito importante que se enterm determinadas estruturas econômicas, que se adaptem perfeitamente à situação actual e que possam adap tar-se a qualquer evolução do processo revolucionário.

Quanto a relundicado por processo revolucidados por entre en acuacidad de processo a salariais dos trabalhadores, e no meu entender, a dinámica da vida sindicial vinha orientada no sentido da relundicação de malores salários e de menos horas de trabalho, orientada, portanto, para a destruição das estruitadas estruitados os monopólios e os latificados estruitados os monopólios e os latificados estruitados os monopólios e os latificados estruitados estruitados os monopólios e os latificados estruitados en entre entre entre entre estruitados e fúndios, julgo que estamos na altura de começar a construir e de parar com a destruição.

Deveria have ruma consciencialização feita nesse sentido, por vai exigir maior esforço de toda a gente que esteja ver-dadeiramente interessada na construção do socialismo e que passa por determinados sacrificios. Se até aqui se punha o problema de reduzir os horários de trabalho para destruir as estruturas capitalistas, há que reforçar os horários de trabalho a partir de agora. Por outro lado se os aumentos de salários eram em certos casos irrealistas, com vista à destruição dessas mesmas estruturas, agora os trabalhadores devem evitar reinmedinas saliduras, agora os trabalinadoras deverim evitar feih-vindicar salidinos para alfem do que não seja absolutamente justo e indispensalvel para uma vida normal de determinado extracios das olasses trabalhadoras, Isto vem ao encontro do que disse há pouco, pois desde que esteja clarificado o poder político, não ha razão para haver guerras entre o poder insti-

«A.» — Senhor ministro, a experiência histórica demonstra que sem o desenvolvimento económico é impossível construir o eocialismo. Allás o documento aprovado neste Congresso

tuldo e as classes trabalhadoras.



dedica um targo espaco aos problemas de desenvolvimento económico, nomesdamento e croblema do desemprego que 6, neste momento, prioritário. Sob oblema do desemprego que 6, neste momento, prioritário. Sob oblema desta de Ministerio do Trabalho quale so pontos fundamentales aos arranque deste desenvolvimento económico que urge lançar na politica portuguesa?

C.M. — Fundamentalmente o sector económico. No entento, nos actores da coparse do Conselho Económico e tenho as minhas ideias próprias, Juligo que neste momento há que atender fundamentalmente ao problema do desemprego, que é o problema do gracia de económica de País. Quando digo racional quero com cano de esse desenvolvimento não se faca à custa do incremento de vários outros serigiores, como se de acconómica em preliuzo de vários outros serigiores, como se digo racional quero com isto otzer que esse desenvolvmentuna se faça à ousta do incremento de um determinado sector
da economia, em projuizo de vários outros sectores como se
como de la companio del c mais harmonioso da economia no sentido de se procurar equi-librar a balança de pagamentos.